

A black and white photograph of a man in a tuxedo, looking slightly to the right. He is holding a cat with both hands, one on its head and the other on its back. The background is dark.

Veyzon Campos Muniz (Org.)

DIREITO
POLÍTICA E
CINEMA
(COM SPOILERS)

φ

“Direito, Política e Cinema (com spoilers)”, gerado no âmbito do projeto de pesquisa Participação Política Cidadã, desenvolvido no Curso de Direito da FACCAT, é uma conjunto de análises críticas, provenientes de muitas cabeças e mãos, mas, sobretudo, de muitos olhos, que viram conteúdo político e jurídico em diversas produções cinematográficas. O cinema, suas linguagens e métodos dão origem, como podemos observar nos mais de vinte filmes analisados, a uma visão “particular” das práticas “universais” do Direito e da Política. A leitura deste livro é reveladora, em certos momentos, inclusive, contando certos detalhes das narrativas ressignificadas. Certo é que ela proporciona ao leitor uma importante reflexão sobre questões como a democratização do poder, os mecanismos de erradicação da opressão e a construção de um Estado Democrático de Direito. Conjecturas políticas e respectivas instabilidades jurídicas, como as da contemporaneidade, revelam a necessidade de constante vigilância pelo cidadão, mas também de necessária oxigenação artística para manter-lhe a sanidade mental.



**DIREITO
POLÍTICA E
CINEMA
(COM SPOILERS)**

**DIREITO
POLÍTICA E
CINEMA
(COM SPOILERS)**

Veyzon Campos Muniz (Org.)

φ editora fi

Diagramação e capa: Lucas Fontella Margoni

Arte da capa: Godfather, 1972 - Detalhe de Cena.

A regra ortográfica usada foi prerrogativa de cada autor.



Todos os livros publicados pela
Editora Fi estão sob os direitos da
Creative Commons 4.0

https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

MUNIZ, Veyzon Campos (Org.).

Direito, política e cinema (com spoilers) [recurso eletrônico] / Veyzon Campos
Muniz (Org.) -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2017.

78 p.

ISBN - 978-85-5696-109-9

Disponível em: <http://www.editorafi.org>

1. Cinema. 2. Interpretação. 3. Filmes. 4. Filosofia. 5. Direito. 6. Política. I. Título.

CDD-701

Índices para catálogo sistemático:

1. Filosofia da arte 701

SUMÁRIO

PREFÁCIO.....	9
APRESENTAÇÃO.....	11
“Luzes, câmera, introdução...”	13
1911	17
1984.....	19
A Lista de Schindler	21
A Onda	23
A Revolução dos Bichos.....	25
A Vida de David Gale	27
Chove sobre Santiago	30
Códigos de Guerra	32
Equilibrum.....	33
Jogos Vorazes.....	35
Little Boy: Além do Impossível.....	37
Mad Max: Estrada da Fúria.....	39
Memórias Secretas	42
O Diabo Veste Prada.....	44
O Grande Ditador	47
O Segredo dos Seus Olhos.....	49

O Regresso	51
Oblivion	53
Olga	55
Pump Fiction: Tempo de Violência.....	57
Robin Hood	59
Sociedade dos Poetas Mortos.....	61
Teorema.....	63
V de Vingança	65
Zuzu Angel	67
Em jeito de conclusão ou “to be continued...”	70
REFERÊNCIAS	72
SOBRE OS AUTORES.....	76

PREFÁCIO

O momento atual apresenta-se muito propício a uma reflexão profunda a respeito da relação que deve existir entre a sociedade contemporânea e o trabalho pedagógico que é realizado nas instituições de ensino superior, com vistas a alinhar esse trabalho à realidade. A obra organizada pelo jovem professor Veyzon Campos Muniz representa uma contribuição extremamente relevante para levar os estudantes muito além da sala em que as aulas são ministradas. É um esforço de superar a tendência de *dar aulas* e desenvolver um trabalho dialético de *fazê-las* junto com os alunos, utilizando estratégias didático-pedagógicas que propiciem a reflexão, o debate e a construção de argumentação consistente. Dentre as muitas modalidades de trabalho com esse fim, destaca-se a utilização de filmes como ponto de partida, objetivando provocar o grupo de estudantes para que reflitam e discutam sobre determinado tema que é foco de estudo. Considerando-se que, muitas vezes, apresenta-se o conhecimento como algo estranho e externo ao acadêmico, em que a teoria é separada da prática, e que alguns docentes ainda são reprodutores de modelos de aula em que se formaram, é muito oportuna a apresentação da estratégia que pode ser denominada de *videoaula* ou *cinefórum*, utilizada pelo professor em sua sala de aula no Curso de Direito das Faculdades Integradas de Taquara – FACCAT. No momento atual, fazer uso de recursos audiovisuais é uma das estratégias didático-pedagógicas mais eficazes, pois somos literalmente bombardeados diariamente por imagens na televisão, na internet, nos celulares. Estamos absolutamente imersos em um mundo audiovisual. Justamente por isso que a sala de aula torna-se um *locus* apropriado de utilização de filmes que possibilitem ao acadêmico relacionar o material com o

conteúdo da disciplina. Para Joan Ferrés¹, são as emoções suscitadas pela interação das imagens, música, palavras e efeitos de som, que se encontram carregados de sentido e de significados, que propiciam o estabelecimento de relações. Os filmes jamais devem ser encarados como uma distração ou uma forma de preencher o tempo. Além disso, assim como qualquer outra atividade pedagógica, devem ser planejados de forma séria e profunda — como a que ora nos é apresentada pelo autor do trabalho realizado em sala de aula na disciplina de Ciência Política e Teoria do Estado. A obra caracteriza-se pela escrita coletiva e independente, por isso complexa, na qual os *spoilers* são o fio condutor que une as partes e levam a uma reflexão sobre a temática: Direito, Política e Cinema. Considero que a relevância do livro organizado pelo professor, a partir de uma experiência pedagógica, está justamente em dar protagonismo aos seus alunos por meio de seus textos, que se relacionam, e pelo alinhamento com as concepções teórico-metodológicas expressas no Projeto Pedagógico Institucional da FACCAT 2016-2020, que orientam toda ação pedagógica da Intuição. Declaro meu sentimento de profundo agradecimento pelo privilégio de prefaciar esta obra, enfatizando o significado que ela tem para o espaço acadêmico.

Aneli Paaz

Coordenadora do Núcleo de Apoio Psicopedagógico
(NAP) da FACCAT

¹FERRÉS, Joan. **Vídeo e Educação**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996, p. 65.

APRESENTAÇÃO

Quis a alma gentil e generosa do colega Veyzon Campos Muniz, professor da disciplina de Ciência Política e Teoria do Estado do Curso de Direito das Faculdades Integradas de Taquara (FACCAT), conceder-me a honra de apresentar o presente livro, *“Direito, Política e Cinema (com spoilers)”*, que se constitui, como pode ler-se logo nas páginas introdutórias, em *uma congregação de análises críticas de seus alunos e alunas sobre o conteúdo político e jurídico de produções cinematográficas*. Na proposta metodológica do Curso de Direito da FACCAT, está escrito que se evitarão “os tradicionais métodos de ensino que privilegiam os espaços para a pura transmissão dos conhecimentos, baseados normalmente em aulas expositivas, que, além de não levarem a uma efetiva aprendizagem, atentam contra a dignidade do aluno como pessoa, pois o consideram objeto do processo. Na linha do que reclamam as teorias pedagógicas construtivistas, a proposta metodológica do curso parte da ideia de que o aluno deve ser sujeito de sua formação, exercitando-se a busca autônoma dos saberes, a reflexão pessoal, a reelaboração do saber, e privilegiando-se os espaços para a dúvida, para o questionamento, para a problematização, para a argumentação”.² Na busca das explicações, necessidades, causas e fundamentos para estes novos métodos de ensino, bem como na busca de propostas e modelos concretos, produziu-se abundante literatura e relatos de experiências no ensino do Direito,

²A concepção inicial do Projeto Pedagógico do Curso de Direito da FACCAT, incluindo a proposta metodológica, foi elaborada pelos professores Miriam Helena Schaeffer, Luis Augusto Stumpf da Luz e José Alcides Renner, assessorados pela consultora em legislação e assuntos educacionais, Dra. Delta Teresinha Buchfink; tal concepção foi posteriormente discutida e consolidada pelo Núcleo Docente Estruturante do Curso e pelas diversas instâncias deliberativas da instituição de ensino.

como no ensino de todas as áreas do conhecimento, normalmente sob o título de *metodologias ativas*. O que não tem sido diferente no Curso de Direito da FACCAT. O professor Veyzon, já durante o processo de seleção de docentes, mostrou-se receptivo e capacitado no uso destas metodologias no ensino de sua disciplina. Uma vez contratado, tem-se revelado muito criativo e operoso na tarefa de ensinar e na proposição de atividades que instiguem o aluno a refletir e o levem a associar teoria e prática. No presente livro, o professor, ora organizador, demonstra como é possível usar filmes, das mais diversas espécies, para a reflexão sobre os temas de sua disciplina. Certamente, não há nenhuma novidade no uso de filmes no ensino das mais diversas matérias. O diferente aqui está na capacidade revelada pelos alunos, ainda iniciantes no estudo do Direito, certamente resultado da hábil condução de seu mestre, em extrair, dos mais diferentes filmes, reflexões extremamente criativas e desenvolver raciocínios jurídicos já com alto grau de sofisticação sobre os mais variados temas pertinentes à Ciência Política e à Ciência do Direito. Convido o leitor a ler as análises dos diversos filmes apresentados e as reflexões que eles suscitam, na visão dos autores, sobre as questões fundamentais da nossa convivência em sociedade. Questões como a democratização do poder, os mecanismos de erradicação da opressão, o Estado Social e Democrático de Direito, e tantos outros, que, por vezes, nos parecem conquistas definitivas da humanidade. No entanto, como parecem demonstrar acontecimentos recentes, são conquistas frágeis e que, sob pena de perderem-se, necessitam da eterna vigilância da cidadania.

José Alcides Renner

Coordenador do Curso de Direito da FACCAT

“Luzes, câmera, introdução...”



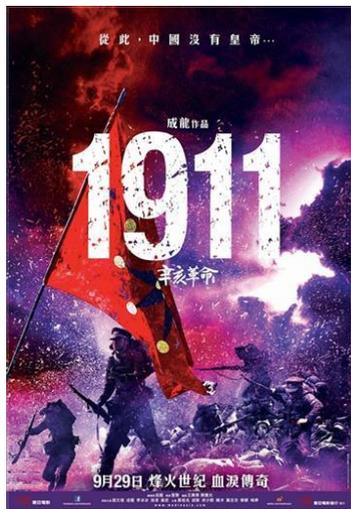
O presente livro, gerado no âmbito do projeto de pesquisa *Participação Política Cidadã* e a partir das aulas de *Ciência Política e Teoria do Estado*, no ano letivo de 2016, se constitui como um conjunto de análises críticas de alunos e alunas do Curso de Direito da FACCAT sobre o conteúdo político e jurídico de produções cinematográficas. Fica bastante perceptível que, durante a elaboração das reflexões, a criatividade é uma marca da percepção dos estudantes e do desenvolvimento de seu raciocínio jurídico. Como bem identifica Gabriel Lacerda³, advogado e mestre pela Universidade de Harvard (EUA), o uso de cinema no ensino jurídico pode apresentar diferentes finalidades, tais como: promoção da sensibilização, percepção do papel social da profissão, transmissão e fixação de informações, capacitação em expressividade e argumentação, aperfeiçoamento do pensamento crítico. Facilmente observável na elaboração dos autores é que muitas destas funcionalidades estão atendidas. Assim, parafraseando Don Vito Corleone (Marlon Brando em *O Poderoso Chefão*⁴): “*Vou fazer uma oferta que você não pode recusar*” e lhe convidar a virar a página e experimentar uma jornada sobre Direito, Política e Cinema, com alguns *spoilers*⁵.

Veyzon Campos Muniz
Professor e Cinéfilo

³LACERDA, Gabriel de Araújo. **O direito no cinema: relato de uma experiência didática no campo do direito**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007, 300p.

⁴O Poderoso Chefão (*The Godfather*). Direção: Francis Ford Coppola. Produção: Albert S. Ruddy. Estados Unidos: Paramount Pictures, 1972.

⁵Aquelas pequenas revelações sobre fatos importantes da história apresentada pelo filme.



1911^{6 7}

(*Xinhai Revolution*, 2011)

por *Rafael Neves*

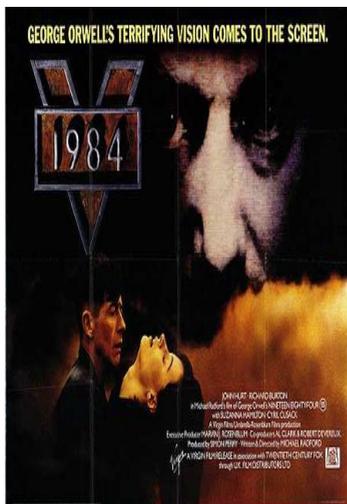
O filme nos traz a história da Revolução Nacionalista da China, ocorrida no ano de 1911. O país vivia sob um modelo de governo absolutista, comandado pela dinastia Qing. A revolta se deu principalmente pelas péssimas condições de vida do povo chinês, que levava

uma vida miserável, indigna e carecedora das necessidades mais básicas; sofriam com a opressão da classe dominante chinesa e também com as consequências das relações comerciais de estrangeiros com a China. Pode-se dizer os chineses lutavam por seus direitos humanos fundamentais. Outro agravante importante para revolução foi a tentativa de empréstimo por parte do governo chinês junto a bancos europeus, pondo como garantia ferrovias, comprometendo a soberania do país e levando ao surgimento de diversos motins contra o Império. A principal intenção dos revolucionários era formação de uma República; queriam um sistema democrático, no qual o detentor do poder fosse eleito pelo povo chinês. E acreditavam que a hegemonia feudal que governava a China por dois milênios havia sido um atraso ao desenvolvimento nacional: enquanto houvesse Imperador, não conseguiriam progredir. Também é possível perceber na obra que a corrupção esteve

⁶1911 (*Xinhai Revolution*). Direção: Jackie Chan, Zhang Li. Produção: Wang Zhebin, Wang Tinyun, Bi Shulin. China, Hong Kong: Media Asia Distributions, 2011.

⁷Figura: Pôster oficial do filme.

presente na Revolução, principalmente com a personagem do general militar imperial, que tendo a missão de proteger a corte, tentava extorquir dinheiro desta e ao mesmo tempo negociava com os revolucionários. A intenção do general era manter-se em uma posição amistosa com ambas as partes, tentando garantir a manutenção de seu cargo, independente do resultado da revolução. Diante da pressão popular e também a partir da eleição de um presidente provisório, através de representantes do povo, o Império não resistiu e o imperador renunciou ao poder. Durante discussões sobre o sistema político que seria estabelecido, chegou-se a sugerir a adoção de uma Monarquia constitucional em detrimento da formação de uma República. A preocupação dos líderes revolucionários era criar um sistema protegido por lei que blindasse o país de qualquer um que almejasse se tornar líder absoluto novamente. Percebe-se aqui a ideia de uma Constituição nacional e de um sistema democrático de direito. No entanto, a herança deixada por milênios de supremacia monárquica parece dificultar, até hoje, o estabelecimento da democracia no país.



1984^{8 9}

(1984)

por *Dalnei da Luz*

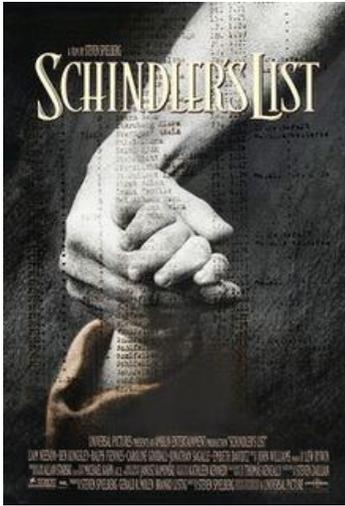
1984, baseado no clássico romance de George Orwell, é ambientado em um futuro distópico, em que o personagem principal, Winston Smith (John Hurt), sobrevive em uma existência miserável na supertotalitária Oceania, sob a constante vigilância da Polícia do

Pensamento. Winston trabalha em um pequeno cubículo de escritório no Ministério da Verdade, reescrevendo a história de acordo com os ditames do partido, sob a figura suprema do Big Brother. Ele é um indivíduo assombrado por memórias dolorosas e desejos inquietos, sendo um homem comum que mantém um diário secreto de seus pensamentos privados, criando, assim, a evidência de seu crime: o delito do pensamento. A noção de totalitarismo como um poder político “total” do Estado foi formulada pelo político italiano Giovanni Amendola. Posteriormente, ao termo foi atribuído um significado positivo pelo filósofo, também italiano, Giovanni Gentile, que usou o termo “totalitário” para se referir à estrutura de representação total do Estado voltada ao atingimento de objetivos e metas nacionais, descrevendo o “totalitarismo” como uma sociedade em que a ideologia estatal tem influência e poder sobre a integralidade dos seus cidadãos. O regime totalitário, assim, denota um Estado em que o

⁸1984. Direção: Michael Radford. Produção: Simon Perry. Reino Unido: 20th Century Fox, 1984.

⁹Figura: Pôster oficial do filme.

titular do poder é único: um ditador individual, um comitê, uma junta ou outro pequeno grupo da elite política que monopoliza o poder político. Tal regime tenta controlar praticamente todos os aspectos da vida social, incluindo a economia, a educação, a arte, a ciência, a vida privada, a moral dos cidadãos, e, até mesmo, seus pensamentos. A ideologia oficialmente proclamada penetra nas profundezas da estrutura da sociedade e o governo totalitário procura controlar completamente as ações de seus cidadãos; também mobilizando toda a população na busca de seus objetivos. O ideal totalitário, em Oceania, reforçado pela polícia e pelo controle monopolista, causa grande impacto na existência do personagem central. Por sua vez, na atualidade democrática brasileira, a liberdade de pensamento está apoiada na Constituição Federal, no artigo 5º, inciso IV, onde é prevista como um direito fundamental. Ou seja, o totalitarismo, como expressão jurídica, não é aceito no nosso sistema político. Ademais, tal ideia é reforçada constitucionalmente, uma vez que “a manifestação do pensamento, a criação, a expressão e a informação, sob qualquer forma, processo ou veículo não sofrerão qualquer restrição”, com forte no artigo 220 do texto constitucional.



A Lista de Schindler ^{10 11}

(*Schindler's List*, 1993)

por *Pedro Schäfer*

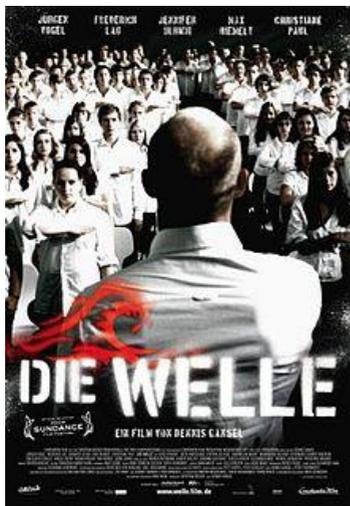
Trata-se da história de Oskar Schindler (Liam Neeson), um homem de negócios que aproveitou a Segunda Guerra Mundial, o apogeu do nazismo, para fazer dinheiro. Ele não era declaradamente nazista e nem um militante pró-judeus. Em 1940, Schindler acreditava que era

só se manter forte, saudável e longe de encrencas para garantir a sobrevivência. Porém, os anos foram passando e, na condição de espectador, viu horrorizado as constantes ações sanguinárias promovidas pelos nazistas no gueto de judeus de Varsóvia (Polônia). Dono de uma fábrica de utensílios de cozinha, apesar dos conflitos, era respeitado pela sua postura perante as situações que surgiam. A fábrica começa a perder funcionários e Schindler juntamente com seu contador, Itzhak Stern (Ben Kingsley), tem uma ideia motivada pela invasão nazista à cidade. Schindler e o contador passam uma noite inteira a escrever uma lista com os nomes das famílias transportadas para a Tchecoslováquia, ao invés de serem levadas ao campo de concentração de Auschwitz. Lastreado por sua fortuna, para cada um dos mil e cem nomes que comporiam a lista, Oskar pagaria uma boa soma de dinheiro à Amon Göth (Ralph Fiennes) que tomaria as medidas necessárias para

¹⁰A Lista de Schindler (*Schindler's List*). Direção: Steven Spielberg. Produção: Steven Spielberg, Gerald R. Molen, Branko Lustig. Estados Unidos: Universal Pictures, 1993.

¹¹Figura: Pôster oficial do filme.

que o desvio da rota fosse bem sucedido. Göth era o comandante de um dos campos de concentração e um dos amigos mais próximos que Schindler teve entre os oficiais da temível Gestapo, polícia secreta do Estado nazista. Com o tempo, famílias judias passaram a trocar suas reservas financeiras por postos de trabalho (que os manteriam bem longe dos campos), permitindo que os negócios de Schindler crescessem ainda mais. A guerra avançava e Hitler lançava a campanha “Solução Final”, pela qual acabaria definitivamente com os redutos judeus, transferindo toda sua população para os campos de concentração. Com muita coragem, contatos decisivos e a certeza de que aquilo era o correto, Schindler salvou mais de mil judeus da morte certa. Em cabanas no fundo de sua fábrica, ele abrigou e, com a ajuda da esposa, Emilie (Caroline Goodall), cuidou e alimentou os judeus antes de eles partirem em segurança para fora do país. No final do filme, inúmeros judeus, já idosos, prestam-lhe homenagem, diante de seu túmulo. Apesar de ser realmente um longa-metragem, trata-se de uma obra que vale a pena ser assistida e dificilmente será esquecida, pois identifica e revela o quanto um regime político autoritário e cruel pode influir na vida (e na morte) de pessoas inocentes. Destarte, é preciso citar uma frase que dignifica mais o “trabalho” de Oskar Schindler: “Aquele que salva uma só vida, salva o mundo inteiro”.



A Onda ^{12 13}

(*Die Welle*, 2008)

por Douglas da Rosa

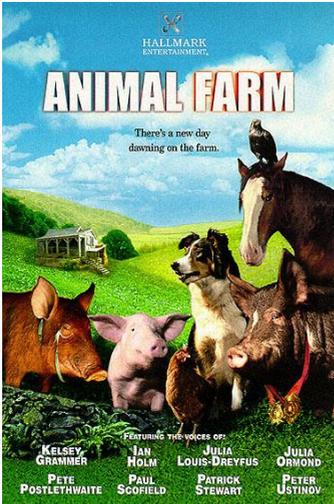
Autocracia é uma forma de expressão de poder, mas ela não é para todos, é exercida somente por determinado grupo de pessoas ou apenas por uma pessoa. A autocracia tem seu surgimento em épocas determinadas, fundamentalmente, marcadas por crise econômica e insatisfação política. Quando este tipo de cenário está presente na sociedade, surge o ambiente próprio para a implantação desse tipo de regime político e é, nesse contexto, que o filme se insere. A obra tem como protagonista um professor, Rainer Wenger (Jürgen Vogel), que passa para sua turma matéria referente ao aludido regime. Ao receber a tarefa de lecionar o tema autocracia, em uma escola alemã, o docente se depara com um problema: como transmitir um assunto que marcou tanto a história para alunos que somente ouviram falar sobre o nazismo e suas barbáries, mas não possuem a mínima ideia de como é viver em um regime autoritário? Ele, então, propõe à turma uma votação, onde se elegeria um líder, a quem teriam que ser fiéis, sendo que não poderiam ir contra suas ideias; caso alguém fosse dissidente, seria convidado a se retirar. Feita a eleição, o professor é escolhido como líder, e quando isso acontece, as mudanças começam. Uma delas foi que para se dirigir a ele, o aluno

¹²A Onda (*Die Welle*). Direção: Dennis Gansel. Produção: Christian Becker, Nina Maag, Anita Schneider. Alemanha: Constantin Film, 2008.

¹³Figura: Pôster oficial do filme.

teria que se levantar e chamá-lo de senhor. Foi proposta a modificação das vestes dos alunos, sendo eles padronizados para representarem um grupo unido, forte e poderoso (características de regimes autoritários); a ideia foi aceita. Foi, também, criado um símbolo da unidade de alunos, o que foi apoiado pela grande maioria. Observa-se que os alunos que não acreditaram que poderia acontecer hoje o que aconteceu no passado, e acabam não percebendo que já estavam fascinados pelo sistema: recebendo e cumprindo ordens, usando uniformes com orgulho, e levando tais ideias a outras pessoas. Alunos começaram a elogiar a atuação do professor em casa e para amigos, assim, despertando o interesse neles e fazendo com que pedissem para assistir as aulas. Quando o “líder” da turma viu, já não tinha mais espaço em sala de aula, mostrando a ele que o assunto estava se tornando de interesse comunitário. Ele também se deixou levar pela “brincadeira”. Mas esta situação começou a se tornar um problema, pois os alunos começam a praticar vandalismo, para divulgar a ideologia do grupo, pichando a cidade com o símbolo criado (uma onda), que foi posto em vários lugares, mostrando o grande fascínio gerado pelo movimento. A intolerância, mostrada no filme, igualmente, é marcante: onde o grupo passa a não aceitar os outros grupos da escola. O agrupamento vai tomando mais seguidores, e grupos contrários se unem para acabar com ele. Quando isso acontece, brigas e desordem geral tomam o ambiente escolar. A massa estava fascinada. O professor, então, mostra que o que aconteceu na Alemanha, décadas antes, poderia voltar a ocorrer, a partir da “onda” de autoritarismo e violência instaurada. É quando ocorre uma grande tragédia: um de seus alunos está armado. Conclui-se que movimentos autoritários são perigosos, envolvem fascínio, obsessão e admiração. Emoções estas que são armas perigosas e que nas mãos de quem não sabe usar e que podem ameaçar toda uma nação. Não se pode deixar a história ser esquecida, mas ter

cuidado com a sua reprodução é imprescindível. Regimes concentrados em poderes autoritários, como no filme, não são bons para uma sociedade que tem se constitui na ideia de liberdade.



A Revolução dos Bichos ^{14 15}

(*Animal Farm*, 1999)

por Carina Birnfeld

O filme feito para a TV, adaptando o livro de George Orwell, funciona como uma sátira ao stalinismo, governo liderado por Josef Stálin, usando a figura dos animais como metáfora para retratar a corrupção e as fraquezas humanas, e para satirizar o “paraíso comunista” que seria

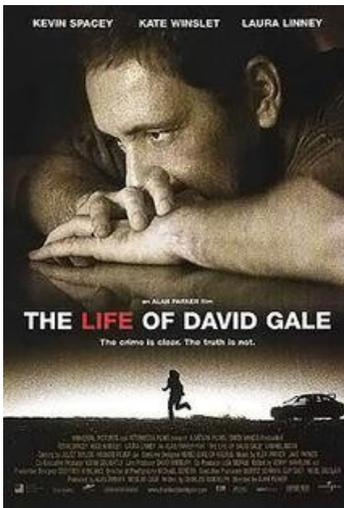
a União Soviética de seu tempo. O longa-metragem mostra a revolução organizada por animais em uma fazenda que vai perdendo seu real sentido à medida que a máxima “todos são iguais” vai sendo substituída por “alguns são mais iguais do que os outros”. Os animais moradores da Granja do Solar, cansados dos maus tratos rotineiros por parte do fazendeiro, liderados pelos porcos, se rebelam contra o dono do local, o Sr. Jones (Pete Postlethwaite). Após a expulsão humana, os bichos se organizam para administrar a fazenda e instaurar novas regras, pretendendo fazer do local um Estado em que todos os animais fossem

¹⁴A Revolução dos Bichos (*Animal Farm*). Direção: John Stephenson. Produção: Greg Smith, Robert Halmi. Estados Unidos: Hallmark Films, 1999.

¹⁵Figura: Pôster oficial do filme.

iguais, formando uma comunidade democrática, livre do domínio dos humanos. Defendiam os bichos: 1) qualquer coisa que ande sobre duas pernas é inimigo; 2) qualquer coisa que ande sobre quatro pernas, ou tenha asas, é amigo; 3) nenhum animal usará roupas; 4) nenhum animal dormirá em cama; 5) nenhum animal beberá álcool; 6) nenhum animal matará outro animal; 7) todos os animais são iguais. Os inteligentes porcos, no entanto, logo tratam de impor suas ideias e um novo reinado de terror ganha forma. Alguns regimes políticos são remetidos durante o filme. Logo, de início, quando os animais planejam juntos a revolução contra o dono que os privava de seus direitos, nota-se um claro exemplo de socialismo, pelo qual todos os animais são iguais e trabalham em prol do bem comum. Depois da revolta, a fazenda passou a se chamar Granja dos Bichos e quem a administrava era o porco Bola-De-Neve (voz de Kelsey Grammer); mesmo sendo superior (em quesitos de inteligência e cultura) em relação aos outros animais, sempre se considerou igual a todos, não tendo privilégios devido à sua condição. A princípio, houve um ambiente democrático, em que todos participavam de assembleias, dando ideias e sugestões, liderados por Bola-De-Neve, que era um líder bem aceito pelos animais. Entretanto, é construído um moinho para armazenamento de alimentos e, quando acontece uma tempestade que derruba o moinho, a culpa recai sobre Bola-De-Neve. Os animais passam a racionar ainda mais a comida. Porém, alguns animais começam a questionar que se a vida não estava pior do que na época do comando do Sr. Jones. Afinal, estavam trabalhando mais e comendo menos. Quando os seres humanos tentam recuperar o controle da fazenda, Bola-De-Neve luta bravamente. O que não impede, contudo, que ele seja substituído por Napoleão (voz de Patrick Stewart), que o acusa de traição e espalha boatos terríveis sobre ele. Napoleão também se apossa das boas ideias de Bola-De-Neve, que de antes havia criticado.

Com a ascensão do porco Napoleão tem-se um novo e claro exemplo de regime político: a ditadura. Napoleão concentrava todo o poder da fazenda em suas mãos, valendo-se de mentiras, traições e mudanças de regras. Não existia mais liberdade de expressão e direito de opinião para os outros animais. Aos poucos, os porcos começam a fazer negócios com os agricultores da região e a dormir na antiga casa do Sr. Jones, alterando alguns mandamentos dos bichos para sua própria comodidade. Pouco a pouco os animais que viveram na época do domínio humano foram morrendo, e foi-se esquecendo como era a realidade antes da Revolução. Com um irônico desfecho, os porcos aparecem andando sobre duas patas, contrariando o ideal revolucionário “quatro patas bom, duas patas ruim”. Assim, finalmente, os porcos unem-se definitivamente aos humanos, ou seja, a quem, um dia, se pretendeu combater.



A Vida de David Gale ^{16 17}

(The Life of David Gale, 2003)

por *Daciane Edinger*

Brasil, o famoso país das milhares de leis. Somos protegidos pelos direitos humanos, pelo direito a vida e pela oportunidade de ressocialização. Vivemos uma Democracia, em que o povo decide qual o futuro do Estado. Baseamo-nos na

¹⁶A Vida de David Gale (*The Life of David Gale*). Direção: Alan Parker. Produção: Alan Parker, Nicolas Cage, Nigel Sinclair. Estados Unidos, Alemanha, Reino Unido: Universal Pictures, 2003.

¹⁷Figura: Pôster oficial do filme.

liberdade individual e pregamos o poder da maioria. Estados Unidos, sistema presidencialista e regime democrático, semelhante ao brasileiro, exceto por um fato bastante peculiar: a pena de morte é legal. Em pleno Século XXI, essa situação ainda não foi modificada, mesmo tendo sido bastante discutida e repercutida. Relatório divulgado pelo *Death Penalty Information Center* aponta 28 execuções de condenados à morte, registradas no ano passado, representando queda de 20% em relação a 2014 – o menor número desde 1991, quando 14 prisioneiros foram executados. Analisando e comparando as duas realidades a partir do filme, percebe-se de outro ângulo o quão falho pode ser o sistema. A obra conta a história de David Gale (Kevin Spacey), um professor de filosofia renomado que é acusado pelo estupro e assassinato de sua amiga, Constance (Laura Linney). Tendo em vista que os dois eram completamente contrários à pena de morte, estavam dispostos a dar a vida para mostrar suas debilidades. E o fizeram. Com a acusação, ele é condenado à morte e, no decorrer de seus últimos dias, é entrevistado pela jornalista Bitsey Bloom (Kate Wislet). A trama então se desenrola, mostrando o estupro e a morte, propositais, gravados em duas fitas: uma contendo cenas fortes de violência, que a Justiça, ligeiramente, usa para condená-lo; a segunda fita, que vem a tona apenas depois da morte do protagonista, que mostra, por trás das câmeras, Constante causando a própria morte. Um bom plano montado para forjar dois crimes, duas vidas sacrificadas em busca de um ideal: o fim da pena de morte. Apesar de todo esforço da jornalista, Gale já sabia o fim da história. O filme é um apelo pelo direito à vida. Voltando-se à realidade, apesar de sistemas jurídicos e políticos similares, somos, essencialmente, opostos em ideologias. Todo sistema é passível a falhas, mas, no caso da pena de morte, quando há falha, ela é irreversível. A obra trata muito bem dessa problemática, fazendo até mesmo as pessoas que são a favor

questionarem sua própria índole. Apesar dos EUA ser democrático, a realidade do Texas e do Novo México, nessas condições, pode ser facilmente comparada a um sistema autoritarista, onde o povo deve cumprir todas as normas impostas por quem detém a autoridade. Ele se baseia na tomada de decisões políticas voltadas ao bem comum, nem que para isso, sejam mortas pessoas inocentes: se o sistema manda, faz-se. Vale destacar que, apesar da morte de David e de Constance, o sistema de execuções continuou funcionando com o objetivo de mostrar que o poder fala mais alto do que as emoções. Mais um sintoma do autoritarismo: as pessoas ficam cegas diante das leis e das ordens, pois nunca tiveram a liberdade de expressar o que realmente sentem. Conclui-se que dois Estados podem ter a mesma espécie de governo, o que não significa que funcionarão do mesmo jeito. Talvez o envolvimento da cultura de seu povo, dos costumes e, até mesmo a sua aceitação, sejam determinantes, mas o filme retrata o quão cruel a “justiça institucional” pode ser. A democracia não é só dar voz ao povo nas eleições, a democracia também é dar vida a quem tem voz. Sente-se que o sistema democrático estadunidense é um tanto contraditório, ou melhor, um tanto autoritário.



Chove sobre Santiago^{18 19}

(*Il Pleut sur Santiago*, 1975)

por Larissa Bergold

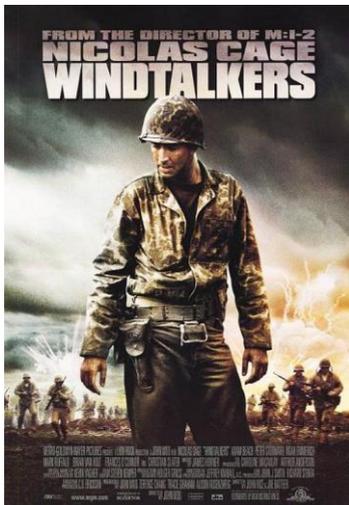
O filme se passa durante o golpe militar de 1973, no Chile, em que uma junta militar, sob o comando do General Augusto Pinochet, tomou o poder do país. É retratado, fundamentalmente, o dia do golpe, 11 de setembro, intercalando os dias que o antecederam,

desde as eleições de 1970, em que o governo socialista de Salvador Allende (Naicho Petrov) havia se instalado. Dirigido por Helvio Soto, cineasta chileno que foi exilado na Bulgária após o golpe, filmado dois anos depois, por motivos políticos (exílio e censura), foi totalmente gravado na Bulgária e em francês. É possível acompanhar como foi tramado o aludido golpe pelas Forças Armadas e todas as sabotagens e boicotes que geraram desabastecimento no país e jogaram a classe média contra Allende. A retirada do fornecimento de elementos básicos para a vida da população, como, por exemplo, o leite, com o objetivo de desestabilizar a imagem do governo, criou um clima de insatisfação popular, gerando diversas greves e tentativas de boicote. Um governo que, inicialmente, lograva significativas melhorias à construção da democracia e de qualidade de vida, passava a presenciar e a assistir ao retrocesso na ideia de cidadania e de direitos sociais. Afinal, o povo não se via participando da riqueza coletiva e pedia a

¹⁸Chove sobre Santiago (*Il Pleut sur Santiago*). Direção: Helvio Soto. Produção: Jacques Charrier. França, Bulgária: Vanguard Films, 1975.

¹⁹Figura: Pôster oficial do filme.

mudança. Apesar de o filme trazer uma referência poética em seu título, *Chove sobre Santiago* foi o nome dado à operação arquitetada pelas forças reacionárias chilenas, apoiada pelos EUA, através da CIA, que culminou no golpe de Estado. A saber, a ditadura chilena foi responsável por um dos maiores banhos de sangue entre as ditaduras sul-americanas: oficialmente foram mais de três mil mortos, mas estimam-se quase vinte mil assassinados e desaparecidos. O filme se mostra muito preocupado em fazer com que o espectador entenda detalhadamente os acontecimentos ocorridos no dia do golpe, parecendo-se muito com um documentário, ao focar-se mais em evidenciar os fatos reais do que em desenvolver uma história fictícia. Ele retrata claramente, com todos os detalhes violentos, a transformação do Estádio Nacional em prisão dos “subversivos” e a tomada do Palácio de La Moneda, que culminou na morte do presidente. Por fim, a obra ainda traz o último discurso de Allende, transmitido pelo rádio de dentro do referido local, já completamente cercado pelos tanques militares; e o enterro do poeta chileno Pablo Neruda, que faleceu poucos dias após o golpe, sendo essa a última manifestação política pública, após a tomada de poder pelo ditador Pinochet.



Códigos de Guerra ²⁰²¹

(*Windtalkers*, 2002)

por *Gabriel de Souza*

No filme, Nicolas Cage atua sob o nome Joe Enders. Na trama, ele é ferido por um granada em um combate contra japoneses no contexto da Segunda Guerra Mundial. Após tal acontecimento e, posterior, recuperação, Joe é designado para uma nova missão de campo. A missão

consiste em proteger um indígena (que foi treinado para decifrar códigos) e passar as coordenadas descobertas para que os navios de guerra lancem mísseis contra as linhas inimigas – e, assim, se permitisse que os norte-americanos avançassem com mais segurança. O conceito de Ciência Política pode ser claramente observado neste filme. Isto ocorre várias vezes, sendo a mais marcante quando os soldados estudam os inimigos e os acontecimentos da guerra, com objetivo de avançar em território do adversário e constituir poder sobre ele. Também podemos ver as relações entre Sociologia e Direito. O fenômeno jurídico se expressava dentro do exército de forma cíclica: o sistema era mantido nas relações sociais entre soldados, pelotões e o próprio Estado. A perspectiva tridimensional do direito também fica muito visível no filme, quando Enders consegue unir o pelotão, que, em meio à guerra, estava fragmentado, em razão de interesses e disputas pessoais.

²⁰Códigos de Guerra (*Windtalkers*). Direção: John Woo. Produção: Terence Chang, Tracie Graham-Rice, Alison Rosenzweig, John Woo. Estados Unidos: MGM, 2002.

²¹Figura: Pôster oficial do filme.

Ele apela para a necessidade dos soldados agirem como um só corpo (como estrutura social), defender o país (e seus valores éticos) e obedecer às ordens (verdadeiras normas positivas). Assim, mesmo com muitas baixas, todos lutaram unidos e conseguem alcançar o seu grande interesse político, isto é, vencer a batalha.



Equilibrium ²²²³

(2002)

por *Vanessa dos Santos*

Equilibrium conta a história da humanidade que sobreviveu a uma Terceira Guerra Mundial. Temendo que outro conflito global acontecesse e concluindo que os humanos não sobreviveriam a ele, criou-se o chamado Clero Grammaton, que tinha como objetivo proteger a humanidade de si mesma, erradicando o que se julgava ser o motivo das guerras: os sentimentos. Para que tal objetivo fosse atingido, instaurou-se um regime completamente totalitário na chamada Libria, cidade comandada por uma única pessoa, o “Pai” (Sean Pertwee), que fazia suas aparições somente através de telas. A solução encontrada para que os humanos parassem de sentir ódio, rancor, ciúme, inveja, entre outros, foi aplicar-lhes uma droga de nome Proziium, que agia como um controlador emocional, fazendo com que as pessoas não mais sentissem

²²*Equilibrium*. Direção: Kurt Wimmer. Produção: Jan de Bont, Lucas Foster, Bob Weinstein, Harvey Weinstein. Alemanha, Estados Unidos: Miramax Films, 2002.

²³Figura: Pôster oficial do filme.

nada. Porém, quem não se submetesse a injetar a droga era ferozmente perseguido e executado, pois não se admitia que os chamados “Ofensores” aflorassem seus sentimentos e ameaçassem, assim, toda a humanidade. Desse modo, são nomeados Grammatons para perseguir quem descumprisse as ordens do Clero. John Preston (Christian Bale), oficial da elite desse regime, chamado por todos de “Sacerdote”, é instruído a perseguir e destruir focos de Ofensores que estavam espalhados por toda a Libria. Contudo, John deixa de tomar uma dose de Prozium e, a partir desse momento, a realidade em sua volta começa a ter outro sentido. Um sentir que o leva a questionar sobre o que ele realmente estava fazendo por todo esse tempo. Destarte, ele consegue esconder de todos o que vinha sentindo, para que não sofresse com a opressão do regime. À medida que o tempo vai passando e ele deixa de tomar definitivamente as doses da droga, vai se tornando mais difícil esconder os sentimentos que passou a ter. O totalitarismo presente em Libria é muito forte e John se vê cada vez mais tomado por suas emoções. Nesse período em que está se descobrindo, ele conhece a sede da resistência, onde, juntamente, com os Ofensores, traça um plano para acabar com o “Pai” e todo o autoritarismo que o detentor do poder representava. Entretanto, o plano já havia sido descoberto, de modo que foram pegos de surpresa. Prestes a fracassar em sua tentativa de combater o regime e o líder do Clero, o Sacerdote consegue, em uma reviravolta, matar o “Pai” e, com auxílio de seus parceiros, explodir as fábricas onde se produzia o Prozium. Assim, os Ofensores puderam tomar conta da cidade e eliminar o totalitarismo até então presente, fazendo com que os Librianos conseguissem acordar e voltar para a realidade proporcionada por seus sentimentos. O regime totalitário se caracteriza pelo controle volitivo total pelo Estado, que se faz soberano sobre as demais vontades – sobretudo, sobre a vontade do povo. O que é bem retratado no filme: o chamado Clero

Grammaton é o Estado e o “Pai” o seu governante, que o define e o controla. Já os Sacerdotes aparecem como a polícia, que tanto oprimiu o povo nos regimes totalitários que já tivemos no mundo, inclusive, no Brasil. As pessoas na obra foram submetidas à vontade do “Pai”, sem qualquer indagação, sob pena de repressão e, conseqüentemente, sujeitas a morte. A dignidade delas e a vontade popular foram suprimidas, para que não houvesse dúvidas sobre quem detinha o poder. Felizmente uma pequena parcela de Librianos resolveu se opor ao governo existente e por fim a opressão, devolvendo a liberdade ao povo, que, finalmente, se fez soberano.



Jogos Vorazes²⁴²⁵

(2012)

por *Suelen Bertó*

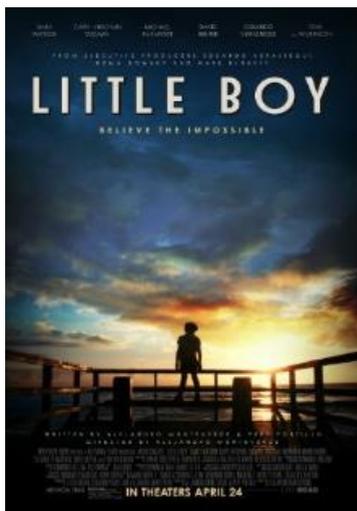
Em um futuro fictício, em um país governado por um regime antidemocrático, se passa a história do filme. Panem é dividido em doze distritos, que tentaram lutar por sua independência, causando uma guerra. A Capital como punição pela revolta cria um *reality show*, chamado “Jogos Vorazes”, onde cada distrito manda como “tributo” uma menina e um menino, com idade entre doze e dezoito anos, para lutarem até a morte em uma arena onde apenas um sai vivo. Os jogos servem para simbolizar

²⁴Jogos Vorazes (*The Hunger Games*). Direção: Gary Ross. Produção: Nina Jacobson, John Kilik. Estados Unidos: Lionsgate Films, 2012.

²⁵Figura: Pôster oficial do filme.

o poder da Capital, a elite de Panem, sobre os distritos, mantendo a lembrança acesa de sua derrota na guerra e objetivando evitar uma nova rebelião. A Capital passa uma falsa imagem de que os jogos estão associados à honra e sacrifício, mas eles apenas serviam para que a população se mantivesse contida a base do medo. Prim Everdeen (Willow Shields) e Peeta Mellark (Josh Hutcherson), no início da 74ª edição dos Jogos Vorazes, são os escolhidos como tributos, através de um sorteio, para representar o distrito doze, mas a irmã de Prim, Katniss (Jennifer Lawrence), em tentativa de resguardar a vida da familiar, se apresenta voluntariamente para substituí-la. Após serem escolhidos, eles são levados para a arena onde Katniss e Peeta conseguem passar esperança ao povo de Panem, que, em seus distritos, acabam lutando contra guardas da Capital. Para conter o movimento da revolta, a poder central anuncia que, naquela edição, dois jovens poderiam sair vivos; voltando atrás, posteriormente, quando os finalistas, Katniss e Peeta já estão prontos para morrerem juntos, a Capital anuncia que ambos são os vencedores da competição letal. A partir do contexto do filme dirigido por Gaby Ross pode-se observar vários pontos do funcionamento de um regime totalitário, em que as pessoas detinham pouco ou nenhum poder, estando, definitivamente, subjugadas pelo governo. A população vivia em situações precárias e em condições desumanas. Os distritos trabalhavam para sustentar os luxos da elite da Capital, onde tudo era controlado por sistemas de vigilância. Além do trabalho exaustivo a que estava submetido o resto da população, nada se recebia de volta, suas residências eram péssimas e sua alimentação era precária. Ao mesmo tempo, na sede de Panem acontecia o contrário, a elite se esbaldava com todas suas extravagâncias e tendências de moda. Os direitos do povo eram claramente agredidos: eles não tinham liberdades e seus filhos eram obrigados a participar de um

evento doentio, em que lutavam até a morte, enquanto tudo era transmitido por um sistema de televisores em todos os distritos para que a integralidade dos cidadãos pudesse observar ao massacre. Não existia a dignidade para aquelas pessoas e o poder da Capital não encontrava limites.



Little Boy: Além do Impossível

26 27

(*Little Boy*, 2015)

por Josias Mazzurana

Little Boy, em um primeiro momento, nos remete ao perfil de filme inofensivo, daqueles que reprisam *ad eternum* nas “Sessões da Tarde”. Possui uma essência motivacional, impregnada com o exercício da fé e de inspiração familiar. No

entanto, o longa-metragem oferece alguns elementos interessantes. A obra possui como cenário a Segunda Guerra Mundial: conflito que, em razão da ascensão de regimes totalitários, na Europa e Ásia (Alemanha, Itália e Japão), de ideologias políticas antidemocráticas – em que os detentores do poder o exerciam de modo a controlar e regular tanto a esfera pública quanto a esfera privada, sem limites à sua autoridade –, acarretou a morte de mais de 46 milhões de militares e de civis, muitos em circunstâncias

²⁶Little Boy: Além do Impossível (*Little Boy*). Direção: Alejandro Monteverde. Produção: Leo Severino, Eduardo Verástegui, Alejandro Monteverde. Estados Unidos, México: Open Road Films, 2015.

²⁷Figura: Pôster oficial do filme.

de crueldade, nos seus 2.174 dias. Sendo o legado mais amargo da guerra a tragédia de civis, homens, mulheres e crianças. Nesse contexto, os Estados Unidos, após o ataque japonês, ocorrido em 7 de dezembro de 1941, à base naval norte-americana em Pearl Harbour, no Havaí, entram em estado de guerra contra o eixo. O diretor ao utilizar dos acontecimentos da Grande Guerra consegue encontrar maneiras de criticar a postura xenófoba dos estadunidenses, principalmente, o preconceito aos japoneses civis que residiam nos EUA, local em que vive o principal personagem, Pepper (Jakob Salvati). Mesmo não sendo essa a proposta da narrativa apontar os anseios, ambições e frustrações norte-americanas durante o período, restam claros os esforços para evidenciar a propaganda de guerra feita para que a nação se unisse contra o inimigo nipônico. O que fica nítido nas constantes agressões e exclusões praticadas ao personagem Hashimoto (Cary-Hiroyuki Tagawa). É na ligação existente entre o pequeno Pepper, apelidado Little Boy, e seu pai que está a essência do filme. Mais do que o elo sanguíneo, é a perda do parceiro de todas as horas, que fora lutar na guerra, que aflige o garoto e o leva a tentar fazer o que fosse possível para trazê-lo de volta. Nesse momento, ganha corpo o viés religioso da obra, apresentando o Padre Oliver (Tom Wilkinson), que advoga pela crença no, supostamente, impossível. “Pela fé que move montanhas”, famosa frase utilizada no filme, que Pepper pauta o seu desejo de que a guerra termine e seu pai retorne. E é assim que temos o retrato de mais um fato histórico: o lançamento da bomba atômica, que por ironia, leva o mesmo nome do pequeno personagem. “Little Boy” era o nome do código da bomba atômica lançada sobre Hiroshima, no Japão, em dia 6 de agosto de 1945, um dos fatores que levam a rendição nipônica e que induziram ao fim da Segunda Guerra. O filme é narrado a partir da perspectiva de um menino de oito anos e, por

mais que se apresente em um ambiente infantilizado, fica claro o conflito de ideologias e instabilidade decorrentes do conflito. Não é por acaso, que, com o cessar fogo e a rendição dos governos autoritários, a dignidade da pessoa humana passa a ser consagrada como “síntese” dos direitos fundamentais, em um processo de reação à política genocida do nazismo e do fascismo. Ao homem, qualquer que fosse a origem, resguardou-se um mínimo de dignidade existencial, capaz de barrar a barbárie de regimes totalitários e impor um “arsenal mínimo” de subsistência.



Mad Max: Estrada da Fúria

28 29

(*Mad Max: Fury Road*, 2015)

por *Vanessa de Moraes*

Modelos de estruturação e administração do Estado possuem características distintas, pelas quais diferentes aspectos são levados em consideração, e, em virtude de sua relevância, podem se tornar favoráveis ou desfavoráveis ao povo. A

sociedade é a parte mais interessada nestes paradigmas governamentais, uma vez que o poder e a estabilidade dependem de sua aprovação ou abstenção. As normas são originadas para que preceitos e processos sejam

²⁸Mad Max: Estrada da Fúria (*Mad Max: Fury Road*). Direção: George Miller. Produção: Doug Mitchell, George Miller, PJ Voeten. Austrália, Estados Unidos: Warner Bros. Pictures, 2015.

²⁹Figura: Pôster oficial do filme.

resguardados e seguidos por todos. O Estado utiliza o poder (popular) soberano, do qual emana sua exigência, sob pena de coerção aos indivíduos. Nosso país constituiu-se como Estado Democrático de Direito, onde o detentor do poder supremo é o povo. Seus representantes, eleitos por eleições, realizam a Administração Pública, bem como criam as leis e demais normas em favor do bem comum. Apesar de vivermos com esse tipo de modelo estatal, existem outros sistemas em que detentor do poder é um ser único e a ele é dado poder supremo: são governos totalitários. Nesse sistema, o governante cria as leis e as executa, dependendo, unicamente, de sua própria vontade para aplicá-las. Essa forma de governar é apresentada em *Mad Max*. Mescla de ação e ficção científica, escrita por George Miller (que também o dirige), Brendan McCarthy e Nico Lathouris, a história se passa em um futuro pós-apocalíptico, no qual água e gasolina são bens valiosos. Há uma grande população que vive nesse ambiente hostil e desértico, porém Immortal Joe (Hugh Keays-Byrne), possuidor de água e comida em abundância, lhes fornece tais mantimentos em troca de obediência e lealdade (e, conseqüentemente, poder). Ele é um grande ditador, que cria regras em prol de seu favorecimento, como, por exemplo, possuir as melhores mulheres para procriar e aumentar seu exército e se servir do leite materno para consumo, com o intuito de regenerar sua saúde debilitada. O povo, por sua vez, o idolatrava e os habitantes acreditam que ele era um deus – a tal ponto que muitos se suicidavam, sacrificando suas vidas por ele, com a ideia de que iriam viver uma nova vida pós-morte de maneira satisfatória. A essência de seu governo se fundamentava em uma ideologia forte, apresentando explicações para tudo; seu discurso autoritário justificava atrocidades, como a eliminação de todos que se apresentassem como empecilhos para a consumação do seu interesse político. Todavia, a Imperatriz Furiosa (Charlize Theron) se cansa do clima de

terror constante, e se rebela contra Immortal. Assim, em uma de suas idas em busca de gasolina, leva as mulheres; ele, com intuito de vingança, manda parte de seu exercito em uma caçada à rebelde, pela Estrada da Fúria. Furiosa acaba matando seu governante e, assim, todos veem que ele era apenas um mero mortal. A partir da morte, ela poderá assumir o governo, criando novas esperanças de uma vida digna àquele povo. Por mais que Furiosa tenha realizado um ato em favor dos oprimidos, obra não é taxativa quanto ao futuro: ela fará um novo governo de princípios e direitos? Devido à grande calamidade em relação a abrigos e mantimentos, não se sabe até que ponto Furiosa se preocupará, primeiramente, com o próximo; ou, então, se irá basear seu governo de forma totalitária, e até mesmo mais aterrorizadora. O sistema governamental de um Estado é, extremamente, importante para a vida de cada cidadão, devendo-se sempre, a partir de princípios e garantias inerentes ao bem comum, priorizar a igualdade.



Memórias Secretas³⁰³¹

(*Remember*, 2005)

por Hudson Gonçalves

Um filme que traz suspense, drama e emoção, com um pano de fundo baseado em uma vingança. Dirigida pelo cineasta Atom Egoyan, vencedor do Prêmio do Júri no Festival de Cannes de 1997, estrelada por Christopher Plummer, vencedor do Oscar de melhor

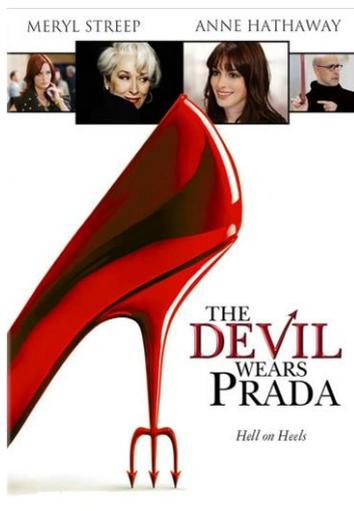
ator coadjuvante, a obra desenvolve-se com a história de Zev Guttman (Plummer), um senhor já com seus noventa anos de idade, que sofre com uma grave perda de memória, provavelmente, em decorrência do Mal de Alzheimer. Zev e sua esposa vivem juntos em um lar de idosos, lá ele faz amizade com Max Rosenbaum (Martin Landau), um judeu que sofreu torturas em Auschwitz. No lar de idosos, Zev perde sua companheira e, ainda em período de luto, recebe uma carta de Max, com instruções para ajuda-lo à melhor entender sua condição: cada vez que dorme, ao despertar, não tem memória alguma. Também consta na carta que Zev e Max foram companheiros no campo de concentração e que ele havia feito uma promessa à sua amada esposa: assim que ela o deixasse, ele cumpriria sua vingança, encontrando seu carrasco chamado Rudy Kurlander. Na manhã seguinte, Zev desperta, encontra a carta escrita por Max e foge do lar de idosos, motivado a vingar-se pela morte de seus familiares durante o período

³⁰Memórias Secretas (*Remember*). Direção: Atom Egoyan. Produção: Robert e Ari Lantos. Canadá, Alemanha: Tiberius Film, 2015.

³¹Figura: Pôster oficial do filme.

do Holocausto, quando foram torturados por Rudy. Max possui documentos e arquivos que comprovam a existência de soldados da SS, tropa de elite nazista, vivendo nos EUA com documentos falsos, usurpando a identidade de pessoas executadas em Auschwitz. Sendo Zev e Max os únicos sobreviventes de sua linhagem familiar, deveriam vingar-se de seu algoz, que, por falta de provas, nunca fora preso e julgado pelos crimes praticados. O filme retrata um período escuro de nossa história: o regime nazista e o holocausto. Em 1919, ao fim da Primeira Guerra Mundial, a Alemanha tendo perdido a guerra, foi submetida a humilhações e cobranças por parte dos Estados vencedores. Com a população sofrendo pelos efeitos da guerra, o ressentimento catalisou o extremismo nacionalista na Alemanha. As principais características do nazismo, como a ideologia instituída no poder, derivavam do interesse político das ideias de Adolf Hitler. O controle da população por meio de propaganda, o uso do rádio e do cinema para veicular os ideais nazistas, e o antissemitismo eram algumas dessas ideias. O ódio aos judeus, a quem Hitler atribuía culpa por vários dos problemas (sobretudo, de ordem econômica) que a Alemanha enfrentava, se intensificou no período em que esteve no poder. O que culminou na morte de milhões de pessoas em campos de concentração. O totalitarismo comandado por Hitler pregava a superioridade do homem branco-germânico e a edificação de um espaço para que essa raça construísse seu império. É impossível assistir ao filme e não refletir sobre tristes acontecimentos da Segunda Guerra Mundial, reação internacional à expansão nazista. A capacidade do homem em destruir a sociedade, movido por um interesse político, a capacidade de um líder propagar seus ideais, transformando o Direito em um instrumento de controle e legitimação do regime por ele defendido, semeando ódio, manipulando o povo alemão e impondo uma degradação do senso de humanidade, são observáveis. Por fim, a obra

cinematográfica traz a triste memória dos horrores causados pelo regime totalitário nazista, mas também reforça a lembrança de que uma das bases do Estado Democrático de Direito é a dignidade da pessoa humana e que as políticas internas e externas sempre deverão lutar contra os horrores vividos no passado. Ainda que nem todos tenhamos presenciados o Holocausto, todos nós devemos manter vivas suas consequências em favor do aprimoramento das relações humanas.



O Diabo Veste Prada ^{32 33}

(*The Devil Wears Prada*, 2006)

por *Josiani Pospichil*

No filme, Miranda Priestly (Meryl Streep) é a editora-chefe da revista Runaway e, literalmente, dita a moda em Nova York. Sob seu comando, existe um regime antidemocrático, sem nenhuma participação da equipe que trabalha para ela (ou uma participação muito

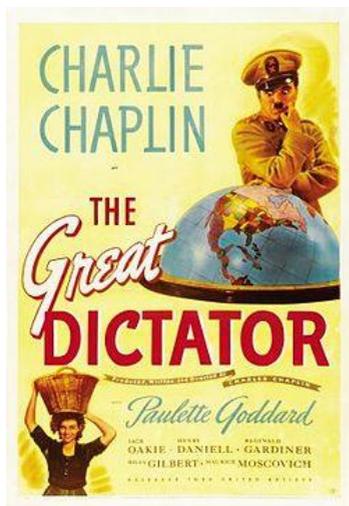
limitada) nas decisões tomadas para a revista – o que lembra o regime político da ditadura. O poder se manifesta em uma única instância. Miranda sempre tem a palavra final e suas determinações são ordens que devem ser cumpridas imediatamente. De acordo com as lições de Norberto Bobbio, na antiguidade clássica, o ditador era alguém a quem o cônsul entregava o poder de forma legítima e

³²O Diabo Veste Prada (*The Devil Wears Prada*). Direção: David Frankel. Produção: Wendy Finerman. Estados Unidos: 20th Century Fox, 2006.

³³Figura: Pôster oficial do filme.

justificada pelo estado de necessidade para que ocupasse aquela função enquanto durasse o dever extraordinário que lhe fora confiado. Miranda é um ditador legítimo porque o poder lhe foi concedido por Irv Ravitz (Tibor Feldman) para que ela transformasse a revista norte-americana em um sucesso (estado de necessidade). Todavia, Miranda ficou tempo demais no poder e passou a exercê-lo com tirania. Seguindo esse ponto de vista, a ditadura torna-se negativa quando excede o tempo pré-determinado porque se transforma em regime tirânico. Irv tenta entregar o controle da revista à outra pessoa, mas não consegue, uma vez que Miranda conquistou aliados importantes enquanto comandava a referida revista. Retirar “a dama de ferro” significaria perder o apoio de estilistas, modelos, fotógrafos e outros nomes importantes, que levariam consigo o prestígio e o sucesso da publicação. A ditadura dos tempos modernos ou revolucionária é chamada por Jean Bodin de “soberana”. O ditador soberano é aquele a quem o poder é auto-vestido, detendo, inclusive, poder legiferante, ou seja, ele passa a ter permissão para criar leis e regras. A partir do momento em que Miranda tem autonomia para tomar qualquer decisão dentro da revista, ela passa a criar suas próprias normas e um sistema de funcionamento para que tudo aconteça exatamente como deseja. Os funcionários trabalham quase 24 horas por dia, suas ordens não são claras na maioria das vezes e é preciso adivinhar com precisão o que ela quer. Sua assistente pessoal não pode deixar a mesa porque nenhuma ligação pode ser perdida. Cada detalhe é absolutamente importante e pode custar a permanência na empresa. Com a doutrina marxista, o termo “ditadura”, em sentido positivo, começa a deteriorar-se, pois o que se entendia genericamente como domínio de uma classe passa a ser entendido como um modo de exercício de poder, isto é, uma forma de governo. O que encontramos no filme é um modo de exercício de poder tal qual o atual significado do termo. Andrea “Andy”

Sachs (Anne Hathaway) não faz a mínima ideia de quem é sua chefe nem dos requisitos necessários para estar sob seu comando, mas é contratada como assistente pessoal de Miranda porque essa está cansada das “mesmas garotas magras e estilosas” que sonham em trabalhar na revista e que acabam por se revelar uma decepção por serem burras. Andrea é contratada pelo seu excelente currículo, sendo considerada esperta e gorda – parecendo ser diferente das outras. Depois que ela não consegue que nenhum avião decole no meio de uma tempestade tropical para levar Miranda ao recital das filhas, a chefe lhe diz que ela foi a maior de todas as suas decepções. Isso serve para que a personagem mude seu modo de agir e siga em frente superando-se a cada obstáculo. Antes desse episódio, Andy ri quando alguém da equipe de montagem fotográfica de uma página da revista fica em dúvida entre dois cintos de tons azuis muito similares e Miranda a critica por estar vestindo um suéter azul celeste. Andy parece eximir-se do padrão da moda ao ter feito tal escolha, mas uma simples escolha não exime todo o tempo e dinheiro que a indústria gastou para que aquele suéter, naquele tom de azul, chegasse às lojas. Ela não se importa com o mundo da moda, esse é apenas um emprego para ela, mas tudo muda quando passa a se comprometer com o trabalho e decide fazer o que for necessário para sobreviver naquele ambiente. Ela faz isso tão bem que, ao final do filme, a chefe afirma que a assistente a faz lembrar ela mesma quando começou sua carreira. Andrea, ao seu turno, afirma não ser como a “ditadora” Miranda, por perceber que existem limites e que usar as pessoas para conquistar seus objetivos próprios não é o futuro que ela planejou para sua vida. As escolhas de um operador do Direito ou da Política devem ser éticas. Se não forem, não valerão a pena porque um futuro sem ética não é um futuro que se possa almejar.



O Grande Ditador^{34 35}

(*The Great Dictator*, 1940)
por *Henrique Schmidt*

Charles Chaplin, ao final do filme, proclama: “*Vós, o povo, tendes o poder de tornar esta vida livre e bela, de fazê-la uma aventura maravilhosa. Portanto, em nome da democracia, usemos desse poder. Unamo-nos todos nós. Lutemos por um mundo novo. Um mundo bom que a todos assegure o ensejo de trabalho, que dê futuro à*

mocidade e segurança à velhice. É pela promessa de tais coisas que desalmados têm subido ao poder. Mas, só mistificam! Não cumprem o que prometem. Jamais o cumprirão! Os ditadores liberam-se, porém escravizam o povo. Lutemos agora para libertar o mundo, abater as fronteiras nacionais, dar fim à ganância, ao ódio e à prepotência. Lutemos por um mundo de razão, um mundo em que a ciência e o progresso conduzam à ventura de todos nós. Soldados, em nome da democracia, unamo-nos!”. Com efeito, em meio ao apogeu de um cataclismo geopolítico (não o primeiro, tampouco o último), marcado pela barbárie e degradação da pessoa humana, movidos, não somente, mas, principalmente, pelas concepções fascistas e nazistas adotadas ainda no rescaldo da Primeira Guerra Mundial, ganha voz no cinema Chaplin, em uma crítica fundamentada, ainda nos anos 1940, que, porém, ecoa até os dias atuais. A obra manifesta, àqueles que se permitem ver, duras críticas aos problemas enfrentados por toda uma nação, mágoas de guerras do passado, presente e futuro, das políticas do ódio e da

³⁴O Grande Ditador (*The Great Dictator*). Direção: Charles Chaplin. Produção: Charles Chaplin. Estados Unidos: United Artists, 1940.

³⁵Figura: Pôster oficial do filme.

discriminação, uma humanidade que rumava, mais uma vez, ao brutificar. O barbeiro judeu, outrora ávido defensor de seu país, a grande Tomania, regressa ao convívio em sociedade, amnésico, vinte anos em um futuro antissemita, racista e hostil. Na busca da proteção dos seus, junto de alguns “loiros e belos de olhos azuis”, arianos, os quais não consentiam com o sistema de governo totalitário instaurado pelo tirano Adenoid Hynkel, move um levante pela justiça, pela liberdade e pela paz no mundo. A insurreição de gente que, pelo ato de um discurso, tem seus corações inflamados pela esperança de um homem não mais servo do Estado. A vida imitando a arte, do *Mein Kampf* à Alemanha Nazista. A arte imitando a vida, pela lição humanista transmitida pelo “barbeiro judeu”, em nome do país. O filme transmite a ideia de que o poder está nas mãos do povo, é dele a força necessária para dar fim a prepotência, é dele a força para seguir em frente, para lutar “por um mundo de razão, um mundo em que a ciência e o progresso conduzam à ventura”. No grande palco do mundo, das atrocidades da Segunda Guerra Mundial, do desrespeito à humanidade, nascem críticas aos modelos insustentáveis de política, a esperança e o compromisso pela mudança. Das cinzas da loucura e intolerância, ora reprimidas, é que surge a necessidade de garantir direitos ao homem, sem distinção de sexo, credo ou cor. É do homem, ao próprio homem, em defesa de sua dignidade, demonstrando sua força, que desabrocha a afirmação universal dos seus direitos fundamentais.



O Segredo dos Seus Olhos ³⁶

37

(*El Secreto de Sus Ojos*, 2009)

por *Márcia Reolon*

Vencedor do Oscar de Melhor Filme Estrangeiro de 2010, o filme apresenta Ricardo Darín como o investigador Benjamim Espósito, a serviço do Tribunal Penal de Buenos Aires, por onde passa os casos criminais da capital portenha. A película inicia com a chegada de Irene Hastings (Soledad Villamil), assistente da promotoria recém-formada, para trabalhar no departamento de Espósito e Sandoval (Guillermo Francella). Em seu primeiro caso juntos, passam a investigar a morte de Liliana Colatto (Carla Quevedo), assassinada após ser violentada sexualmente. A obra retrata duas histórias, uma política, outra pessoal. No ano de 1974, a primeira trata das consequências dos “anos de chumbo” na Argentina. Enquanto, a segunda narra o assassinato da vítima e a respectiva investigação. Evidencia-se o grau de corrupção e o autoritarismo que caracterizavam o Estado da época, uma tônica decorrente da ditadura militar que havia se estalado por cerca de uma década naquele país. Tal contexto é uma das razões para a precoce aposentadoria de Espósito, que, 25 anos depois, resolve escrever um livro sobre o caso que marcou sua carreira. Logo de início dois acusados são presos pelo estupro, seguido de morte, de

³⁶O Segredo dos Seus Olhos (*El Secreto de Sus Ojos*). Direção: Juan José Campanella. Produção: Mariela Besuievski, Juan José Campanella, Carolina Urbietta. Argentina, Espanha: Distribution Company, 2009.

³⁷Figura: Pôster oficial do filme.

Liliana, porém, mesmo sendo inocentes, ambos são torturados para que confessem a culpa. Espósito seguindo postura contrária, visita o viúvo de Liliana, Ricardo Morales (Pablo Rigo), e, casualmente, pede para olhar as fotos de álbuns que estavam em cima da mesa de centro da sala. Ele percebe, então, que em todas as fotos em que aparecia Isidoro Gomez (Javier Godino), ele sempre estava a olhar fixamente para a jovem Liliana, com que teve um flerte na adolescência. A partir daí, de uma foto com uma camiseta de time de futebol, nascerá uma trama que surgirá para abalar vários personagens, em um misto de emoções, surpresas e até mesmo uma grave descoberta. O filme, portanto, ainda que de modo rudimentar, mostra como funciona parte do sistema de justiça, e, sobretudo, como o auxílio dos investigadores possibilita a busca das provas necessárias para levar um caso a julgamento. Narra-se uma situação muito comum em nossa sociedade, que é a impunidade, o sentimento de impotência diante dos fatos e da máquina estatal, que trata de forma desigual os indivíduos. Fala-se de poder, bem como das arbitrariedades que encontramos nas mais diversas camadas do nosso sistema político e judiciário. Pode-se até dizer que nossa ordem jurídica possui brechas claras, escancaradas, que permitem que a impunidade ocorra a olhos nus – e isso não é segredo! As injustiças que somos testemunhas todos os dias trazem a tona os mais primitivos sentimentos, como o ódio e o desejo de vingança e morte. O nome dado ao filme por Juan José Campenella diz muito sobre a história contada, logo, nos primeiros minutos da obra, fica claro a razão da escolha do título, mas, mesmo assim, a história do assassinato e estupro de uma jovem traz surpresa ao espectador. Trata-se de um filme polêmico, pois haverá quem defenda o final como justo e quem discorde. Contudo, para além disso, é uma obra incrível, que não se pode assistir uma única vez, até mesmo para uma melhor reflexão.



O Regresso ^{38 39}

(*The Revenant*, 2015)

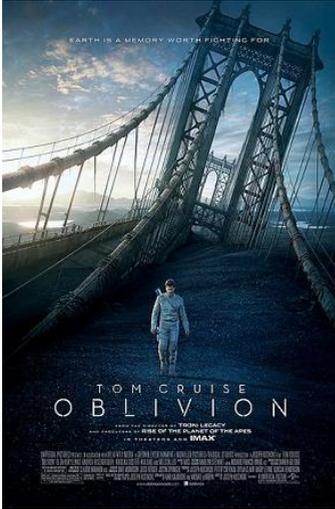
por *Jeison da Silva*

Baseado em fatos reais, o filme de Alejandro González Iñárritu, retrata a história de Hugh Glass (Leonardo DiCaprio), um caçador, que junto a um grupo, visa abater animais a fim de obter as peles para venda. Ele é muito eficiente no que faz, segue as ordens de seu capitão, sempre orientando os outros, por ser um grande conhecedor da região, e isso, em muitas ocasiões, causa inveja em seus colegas, o que não é desejável em meio a um ambiente hostil, em que todos os caçadores procuram levar alguma vantagem para obter o maior número de peles, e, assim, lucrar mais. Glass vê sua vida destruída após ser atacado por um urso, ficar completamente debilitado, tendo suas pernas quebradas e a garganta muito ferida, e passar a depender de seus colegas (pouco confiáveis) para se locomover pela floresta montanhosa e gelada. Após suportarem todos os tipos de dificuldades, tendo que carregar o caçador ferido, o grupo decide deixá-lo para trás, seguindo adiante para procurar ajuda, sob os cuidados de um caçador sem escrúpulos, que só aceita a tarefa pela alta quantia em dinheiro ofertada. Na primeira oportunidade, o encarregado por cuidar de Glass resolve livrar-se do

³⁸O Regresso (*The Revenant*). Direção: Alejandro G. Iñárritu. Produção: Arnon Milchan, Steve Golin, David Kanter, Alejandro G. Iñárritu, Mary Parent, James W. Skotchdopole, Keith Redmon. Estados Unidos: 20th Century Fox, 2015.

³⁹Figura: Pôster oficial do filme.

problema, mata seu filho, diante de seus olhos, e o enterra vivo. Incrivelmente, ele consegue se livrar da terra acima de seu corpo e arrastar-se para fora da cova. Em meio a uma nevasca, encontra um índio que o ajuda, cuidando de seus ferimentos, e, assim, se reabilita. Muito tempo e após tantos sofrimentos, vencendo os danos causados pelo urso, a dor de ter perdido tudo e a má índole dos caçadores, ele consegue vencer e ressurgir em sua comunidade, um vilarejo aos pés da montanha, para o espanto de todos os moradores, sobretudo, dos seus colegas que o deixaram para trás. Fazendo uma analogia ao estudo político, os personagens podem ser comparados à sociedade desigual em que vivemos, onde Hugh Glass corresponde às classes menos favorecidas da sociedade ou pessoas discriminadas, que, apesar das virtudes, são tratadas como dispensáveis. O urso selvagem e o caçador que fora designado para protegê-lo correspondem aos opressores, que podem ser xenófobos, racistas, políticos irresponsáveis e corruptos, enfim, indivíduos que contribuem para que as pessoas desfavorecidas continuem em tal situação, através de agressões físicas, morais e psicológicas. Os caçadores, por conseguinte, podemos comparar ao restante da sociedade: deixaram Glass na floresta, a mercê de seu destino, e seguiram em frente, permitindo que o discriminado, sofresse todos os tipos de violências, sem ter o auxílio de instrumentos institucionais e a proteção adequada. O total descaso que, também e igualmente, podemos observar em nossa sociedade.



Oblivion^{40 41}

(2013)

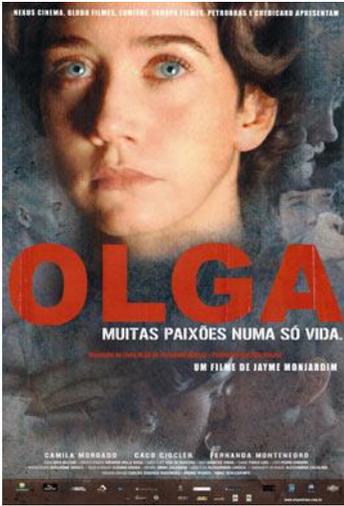
por *Karini Cioccarei*

O ano é 2077. Em um ambiente pós-apocalíptico, vemos o resultado do ataque dos *Scavs*, uma raça alienígena superdesenvolvida, que chegou a Terra, em 2017, com interesse em extrair os recursos minerais do planeta e que só foi derrotada pelo uso de armas nucleares. O filme retrata a racionalidade e o conhecimento humano, voltando-se à Jack Harper (Tom Cruise), que busca (re)construir sua história, fazendo-nos (re)pensar sobre política, tecnologia e ciência. Após ter vencido a luta contra os invasores, as custas da sorte do planeta, e ter resgatado alguns recursos extraídos, faz-se a mudança para Titã (lugar simbólico), lua de Saturno. Harper, contudo, tem uma rotina dura, trabalhando no conserto de *drones*, combatendo os *aliens* que ainda restam, e defendendo a segurança da Terra e daqueles que estão em Titã. Tanto Jack quanto Vicka (Andrea Riseborough) são supervisionados (e manipulados) por Sally (Melissa Leo), a qual se encontra em uma estação espacial distante da Terra, de onde controla e envia as ordens de serviço. Quando do ataque à Terra, uma missão com cinco veteranos foi enviada ao espaço, sendo que eles ficaram em “sono alfa” por um longo período. Os dois primeiros a acordar, Jack e Vicka foram levados à Titã,

⁴⁰*Oblivion*. Direção: Joseph Kosinski. Produção: Joseph Kosinski, Peter Chernin, Dylan Clark, Barry Levine, Duncan Henderson. Estados Unidos: Universal Pictures, 2013.

⁴¹Figura: Pôster oficial do filme.

os demais foram soltos no espaço, antes de entrarem no planeta. Ambos têm a memória apagada por questões de “segurança”, são reproduzidos clones seus (sem eles saberem) e distribuídos em várias estações. Mesmo com memória apagada, Harper traz recordações do *Empire State Building* como ponto de encontro entre ele e uma mulher: Julia (Olga Kurylenko), que também fazia parte da missão. Em uma de suas investidas para combater *drones* alienígenas, Jack encontra a parte da nave com os outros veteranos, porém, há uma única sobrevivente, Julia. Não demora muito para Jack perceber que na verdade seu inimigo real não eram os *aliens* e, sim, Sally, que através de sua conduta, impõe um regime antidemocrático (mesmo que até certo ponto eles não percebiam isso), exercendo poder extremo sobre eles, controlando, regulando e observando tudo que eles faziam, não reconhecendo qualquer limite. Entretanto, Jack, ao que parece, não teve sua memória completamente apagada. A prova disso é a construção de um mundo próprio, onde Jack armazena as recordações que foi localizando ao longo da sua jornada. A partir da localização de sua amada, Jack passa a lutar pela sobrevivência neste mundo e tentar transformá-lo. Nessa luta pela liberdade e na busca por reconstruir o planeta, Jack encontra um aliado, Beech (Morgan Freeman). Ao final, Jack e Beech terminam com o império de Sally. Julia se encontra no mundo criado por Jack, para onde ele (ou um clone seu) retorna, construindo um “estado”, completamente diferente daquele totalitário, onde o poder estava nas mãos de um único ser.



Olga^{42 43}

(2004)

por *Jaciara Bueno*

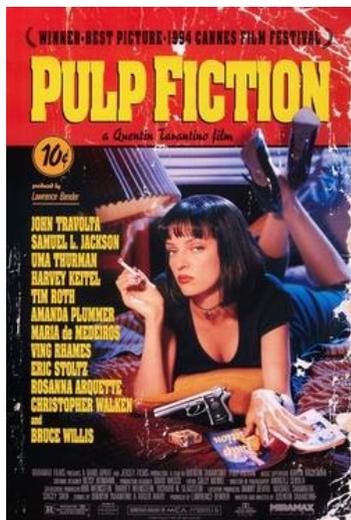
A ditadura, regime político antidemocrático no qual a participação popular é limitada ou inexistente, tem o poder, em regra, manifestado em uma só instância. Fortes exemplos desse regime são o movimento fascista, que na Alemanha foi chamado de nazismo, e a ditadura de

Vargas no Brasil. Para lembrar um pouco desse regime que tanto sofrimento impôs à sociedade, o filme nos mostra como população vivia em meio a essa política de regime extremo, a partir da história de amor de Olga Benario e Luis Carlos Prestes. Após a Primeira Guerra Mundial, a Alemanha passou por uma crise. Além da derrota, os alemães tiveram que arcar uma dívida de guerra perante os organismos financeiros internacionais. A crise de 1929 agravou a situação, levando milhares de alemães ao desemprego e ao desespero. Tudo isso contribuiu para fortalecer movimentos radicais no país (sobretudo, o nazismo). Na Alemanha, sob o regime ditatorial, Olga, uma jovem com sede de revolução, sai da casa dos pais e passa a lutar em favor do fim da ditadura de Adolf Hitler, contra a injustiça e a favor do comunismo, conquistando seguidores que partilhavam dos mesmos objetivos. Olga, orientada pela Internacional Comunista, vem para o Brasil,

⁴²Olga. Direção: Jayme Monjardim. Produção: Carlos Eduardo Rodrigues, Bruno Wainer, Marc Beauchamps. Brasil: Europa Filmes, 2004.

⁴³Figura: Pôster oficial do filme.

acompanhando Prestes, com quem desenvolve um relacionamento amoroso. Ao se estabelecer na cidade do Rio de Janeiro, luta pelo fim do regime de Vargas, buscando um governo popular e revolucionário, em prol de justiça social e pelo fim da miséria. Seus companheiros são torturados pelos soldados varguistas a fim de revelarem segredos políticos. Olga e Prestes são presos, sendo ela expulsa do Brasil, enviada de volta à Alemanha e, posteriormente, morta em um campo de concentração. No contexto alemão, o sentimento de vingança crescia cada vez mais entre a população. O partido nazista ganhava muitos votos. Eles acusavam comunistas, liberais e judeus de causar desordem e prometiam restaurar o orgulho de “ser alemão”. Os nazistas defendiam que os alemães “puros” pertenciam a uma raça superior, que chamavam de ariana. Em um país que vivia na miséria, as ideias nazistas ofereciam a chance de um melhora de vida e a esperança de um país “melhor”. Formavam-se grupos de jovens que iam às ruas perseguir “inimigos”. As propagandas enganosas ajudaram Hitler a ser transformado no “salvador da pátria”. Racismo, totalitarismo e nacionalismo foram algumas das bandeiras levantadas. O nazismo levou milhares de pessoas (judeus, homossexuais, ciganos, comunistas) à morte. Muitos, inclusive, foram utilizados em terríveis experiências médicas. O filme contribui com a análise política no sentido de evidenciar como era viver em um regime em que a população não tinha voz e nem vez. Sob o comando de Hitler, pessoas foram exterminadas e mortas. Não se tinha direito efetivo a nada, nem mesmo a viver, pois o ditador pretendia formar uma nação ariana e dessa forma judeus de toda parte eram levados a campos de concentração e mortos brutalmente. Até hoje, a humanidade lembra, relembra e sofre ao recordar este lamentável episódio da história universal, que ficou conhecido como Holocausto e vitimou tantos seres humanos, como Olga.



Pump Fiction: Tempo de Violência ^{44 45}

(*Pump Fiction*, 1994)

por Isadora Apollo

A obra engloba três histórias distintas. Essa é a primeira impressão obtida pelos espectadores do filme. Entretanto, por intermédio da genialidade cinematográfica de Tarantino, ocorre a surpresa que todas as narrativas possuem um aspecto em comum que as relaciona, qual seja, o crime. Sendo essa a atividade-fim de Marsellus Wallace (Ving Rhames), o gângster que chefia os assassinos profissionais Vicent (John Travolta) e Jules (Samuel L. Jackson), casado com a peculiar atriz Mia (Uma Thurman), e que faz um acordo com o pugilista Butch Coolidge (Bruce Willis) para que ele perca propositalmente uma luta. É possível fazermos uma analogia entre ele e o papel do Estado, personificando-o como tal. Marsellus possui um poder absoluto e ilimitado em relação aos seus súditos (inclusive, de modo implícito, sobre sua mulher), e não modera os meios para sua manutenção, sendo eles, predominantemente, ilícitos. Tal fato retoma a teoria maquiavélica, que envolve a política e a moral em relação ao exercício supremo do rei em Estados Absolutistas. Como afirma Maquiavel, em sua obra, os governantes não devem ser restringidos por valores e princípios morais

⁴⁴Pump Fiction: Tempo de Violência (*Pump Fiction*). Direção: Quentin Tarantino. Produção: Lawrence Bender. Estados Unidos: Miramax Films, 1994.

⁴⁵Figura: Pôster oficial do filme.

impostos pela sociedade. Dessa forma, não é necessário que haja justificativas, por parte do rei, relacionadas às suas ações para a concretização do poder. O autor instaurou, na aludida obra, os conceitos de “virtude” e “fortuna”. O primeiro referente à capacidade do governante escolher as melhores estratégias para o fortalecimento de seu poder; e o segundo condizente a questões acerca dos imprevistos que poderiam supostamente limitar o seu poder de ação real. No filme, duas cenas exemplificam a teoria. Relaciona-se à virtude, quando Marsellus faz o acordo com Butch para que não vença uma disputa em troca de uma quantia considerável de dinheiro. Mesmo o motivo para tal ação não ser explicitado no filme, a correspondência se concretiza pelo fato de que, assim como na análise maquiavélica, o personagem possui intenções relacionadas à manutenção do poder. O conceito de fortuna aparece na cena em que Vicent e Jules invadem o apartamento de Brett (Frank Whaley), também subordinado ao gângster, para recuperar uma misteriosa maleta, culminando no assassinato dele e de seus colegas. Ou seja, perante um incidente, Marsellus teve de tomar uma medida para que seu poder não fosse comprometido. Ademais, é possível também relacionar o filme à teoria hobbesiana, ao versar sobre o regime absolutista. De acordo com Hobbes, o Estado possui uma estrita relação com o medo. Leviatã, mostro exemplificativo que representa o Estado, possui uma armadura feita de escamas, sendo essas uma metáfora de seus súditos. Em suma, esse Estado soberano, incorporando uma criatura quiçá maligna, concentra uma série de direitos indisponíveis, para dessa forma, reter o poder de seus subservientes. Assim como Marsellus Wallace possui certas posturas relacionadas ao medo de perder sua posição soberana em relação aos seus inferiores, à sociedade e, especialmente, a seus inimigos. Marsellus, por conseguinte, é uma espécie de Leviatã. Fato que se

acentua em razão do crime ser, fundamentalmente, o cerne desse Tempo de Violência.



Robin Hood ^{46 47}

(2010)

por *Rodrigo Batista*

“É preciso temer o mal para crermos no bem.” É com essa reflexão que iniciamos. Robert Longstride, filho de um pedreiro e hábil arqueiro, foi um herói mítico que roubava dos ricos para dar aos pobres, nos tempos do Rei Ricardo Coração de Leão, e ficou imortalizado como o

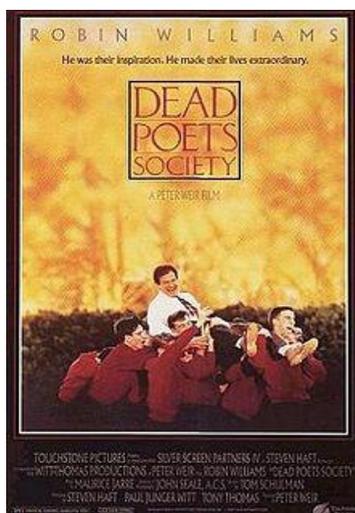
“príncipe dos ladrões”. Tenha ou não existido, Robin Hood é, para muitos, um dos maiores personagens de Inglaterra. A obra cinematográfica, dirigida por Ridley Scott, é a reconstituição do contexto histórico do nascimento da lenda. O filme foca o surgimento da monarquia constitucional, a partir da Magna Carta de 1215. Em 63 artigos, os nobres estipularam quais direitos queriam que o rei garantisse. A assinatura de tal documento, trazia para ao rei maiores consequências, pois, a partir daí, pela primeira vez, um monarca inglês não reinaria mais pelo “direito divino”, devendo buscar entendimento com a nobreza e com o povo. A história retratada no filme mostra o ressurgimento da ideia democrática, acompanhando os

⁴⁶*Robin Hood*. Direção: Ridley Scott. Produção: Riddley Scott, Brian Grazer, Russell Crowe. Estados Unidos, Reino Unido: Universal Pictures, 2010.

⁴⁷Figura: Pôster oficial do filme.

interesses políticos do fraco Rei João I da Inglaterra (Oscar Isaac), que tentava unir o povo inglês para obter sucesso no combate com a França. Analisando com olhar crítico, percebe-se uma visão romântica. Ao retornar das cruzadas, como desertor, Robert/Robin (Russell Crowe) é forçado pelo destino a deixar de ser servo para tornar-se senhor, herdeiro do sistema que viria a combater. Aos poucos nasce um líder, a medida em que seu passado confundia-se com seu presente, mais força e mais seguidores Robert ganhava. No filme como na lenda, algumas figuras destacam-se: João Pequeno (Kevin Durand) demonstra a faceta do povo que segue cegamente seu líder, sem questionar; Frei Tuck (Mark Addy), a representação da hipocrisia da Igreja cristã, que ao longo da Idade Média promoveu barbáries; Will Scarlet (Scott Grimes), a inconsequência humana, agindo sempre sem cálculo do resultado de suas ações; e Allan A'Dayle (Alan Doyle), o equilíbrio entre certo e errado, a voz que ecoa na consciência de cada homem; todos somam-se a presença de Robin Hood, formando uma pequena fracção popular. Destacam-se, ainda, as figuras femininas, retratadas no filme, com papel fundamental no seu desenrolar. São mulheres fortes como Lady Marian (Cate Blanchett), companheira circunstancial de Robert, a rainha-mãe Leonor da Aquitânia (Eileen Atkins) e Isabel (Léa Seydoux), esposa do Rei João. De forma lúdica, a obra apresenta o marco jurídico que se tornou parte de um alicerce da legislação britânica atual e influenciou posteriores declarações de direitos. Fica o questionamento de porquê Robin foi identificado, ao longo do tempo, como ladrão e não como rei, uma vez que, como vemos na obra, aventa-se tal possibilidade. Talvez se perceba uma dependência do povo britânico em relação à necessidade de ter entre si uma figura divina representativa. Nesse condão, como a Terra não tem dois Sóis, não poderia haver dois reis. O que fica claro é que a floresta Sherwood

representava o território de um povo autodeclarado soberano, governado pela noção do bem comum. Se acreditarmos por um momento que Robin Hood não foi uma pessoa, mas sim um sentimento (desejo comum na luta por direitos iguais para todos), veremos estes personagens em diferentes planos de nossa vida. Por fim, a importância política dessa história, sobremaneira, nesta última versão cinematográfica, é reafirmar a noção democracia, inclusive, em monarquias constitucionais.



Sociedade dos Poetas Mortos

48 49

(1989)

por *Danielle Nikolay*

Em um internato somente para rapazes um jovem professor chamado John Keating (Robin Williams) aparece para revolucionar o método de ensino da escola, conhecida por sua rigidez e excelência. Keating estimula os alunos a rasgarem os livros escritos pela instituição, pois percebe que os estudantes estão bitolados dentro daquele sistema opressor. Dessa forma, o professor inicia o trabalho de despertar questionamentos internos em seus alunos e demovê-los de sua passividade, provocando-os a uma reflexão sobre a vida, o que acontece fora daquele ambiente e quais são as

⁴⁸Sociedade dos Poetas Mortos (*Dead Poets Society*). Direção: Peter Weir. Produção: Steven Haft, Paul Junger Witt, Tony Thomas. Estados Unidos: Buena Vista Pictures Distribution, 1989.

⁴⁹Figura: Pôster oficial do filme.

escolhas que querem para suas vidas. Para tanto, utiliza a expressão latina *“carpe diem”*, isto é, “aproveite o dia”. Os estudantes curiosos com o estilo comportamental totalmente diferente dos demais professores ficam encantados com as aulas de poesia e trazem à tona um antigo ritual de estudantes, do qual Keating passa a fazer parte. Um grupo de alunos passa a se reunir para ler poesias e aproveitar tudo aquilo que grandes escritores tinham produzido para seu próprio prazer e engrandecimento. Assim, os rapazes se encontram em uma caverna para expor seus sentimentos, pensamentos e passam a tomar gosto pelas artes, descobrindo que podem ultrapassar barreiras no pensamento. Assim, os estudantes educados de maneira submissa aos pais começam a se rebelar. John incentivava eles a exercer seu livre arbítrio, ter o direito de sonhar e viver experiências próprias da juventude. O final da obra emociona, quando Charlie Dalton (Gale Hansen), o aluno mais tímido e oprimido dos rapazes, se revolta ao ver o tão querido professor sendo expulso da escola. O jovem, então, sobe em sua classe, chamando Keating, demonstrando sua vontade de se rebelar e colocar para fora sua rebeldia sufocada diante de tamanha injustiça; o mesmo fazem seus colegas. O professor se vê orgulhoso: seu trabalho tinha valido a pena. Ao fazer uma analogia com a Ciência Política, percebemos que a sociedade retratada era repressora, como uma ditadura, que limita o direito de se ter ideias próprias e se fazer escolhas. Já no início do filmem, se observa que os livros estudados não aprofundavam o conteúdo literário tão vasto e rico, apenas limitando o ensino a prática de decorar sem se aprofundar na beleza do saber. O personagem de Robin Williams é aquele idealista que enfrenta um regime opressor. Ele acredita que a liberdade, princípio democrático, é o melhor e deseja ensinar os alunos a não permitir que a instituição limite o seu poder de pensar e refletir por si só. O jovem aluno Neil Perry (Robert Sean Leonard), o aluno mais

rebelde, que sonhava em tomar suas próprias decisões, escolhe a morte (suicídio) para que ninguém lhe retirasse o direito de ser livre. Charlie e os demais rapazes são verdadeiras vítimas do regime totalitário imposto. Viviam oprimidos e lutavam para sobreviver naquele ambiente hostil e rígido. Eles sonhavam com um mundo mais justo e livre da tirania daquela escola. Podemos dizer que a instituição é representativa daqueles que oprimem os cidadãos e querem deter o poder e o controle de tudo; pois, de fato, ensinava-se às pessoas a não pensar. Pontuando-se, em derradeiro, que limitar o pensamento é um modo (muito eficaz) de manipular a sociedade.



Teorema^{50 51}

(1968)

por *Veyzon Muniz*

1968, Ano Internacional dos Direitos Humanos, segundo a Organização das Nações Unidas, foi um ano conturbado nos campos político e social: assassinatos de líderes, crise econômica e manifestações populares na Europa, contexto de guerra na América do Norte e na

Ásia, enrijecimento de regimes antidemocráticos na América Latina. Fato é que a arte imita a vida. A tensão do cotidiano refletiu na produção do italiano Pier Paolo Pasolini (1922-1975). Famoso por retratar em seus filmes a

⁵⁰Teorema. Direção: Pier Paolo Pasolini. Produção: Manolo Bolognini, Franco Rossellini. Itália: Euro International Film, 1968.

⁵¹Figura: Pôster oficial do filme.

realidade, a partir de construções visuais sutis, porém polêmicas – valendo-se da nudez, do sexo e da violência –, o cineasta naquele ano apresentou ao público a obra cinematográfica em tela. Em uma crítica de alta carga política, Pasolini (diretor e roteirista do filme) conta a história de um homem, indivíduo anônimo, e sua influência sobre uma família, comum e tradicional, que o acolhe. O filho, a filha, a matriarca, a empregada e o pai industrial correspondem às instituições estatais e aos diversos segmentos da sociedade. O ato sexual emerge, nesse contexto, como um vetor de transformação. Numa visão de mundo que informa que o Político precisa ser mudado, as rupturas sociais ocorrem de modo radical e irreversível. O que fica da intervenção é um mundo novo em que nem o Direito ou qualquer outro instrumento formal consegue assegurar segurança às relações humanas, sociais e institucionais. E, assim, permite-se a reflexão sobre um Direito e uma Política que devem estar preparadas para mudanças irreparáveis no plano dos fatos, sobremaneira, em conjunturas nas quais as instituições falhas (já) falharam. Diante de uma metáfora da sociedade italiana onde cada membro da família representada é, em muitos aspectos, um segmento de toda e qualquer sociedade, pode-se pensar em 2016. Através das relações das pessoas (alegorias de instituições) com a figura alienígena (personificada no visitante), vemos uma dura crítica à futilidade, ao comodismo e à alienação percebida pelo artista naqueles tempos e que ora, igualmente, é perceptível, atualmente, em nosso país.



V de Vingança ⁵²⁵³

(*V for Vendetta*, 2005)

por *Ivanina Garcia*

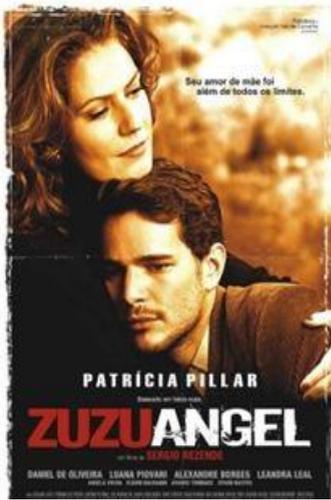
O filme trata de maneira muito interessante e empolgante os aspectos de um regime político totalitário, cuja ideia essencial é o controle da população através das instituições políticas. Esse controle, na narrativa, é exercido por uma base política comandada por um Chanceler

que busca a dominação do país e da população de todas as maneiras. O que passa a ser contestado pela personagem de codinome V, um homem que sofreu, nas mãos desse governo, experiências desumanas e que teve seu corpo todo queimado; usando, a partir daí, uma máscara. Ele acaba por provocar o comando da soberania totalitária e atrapalhar os planos dos detentores do poder. Ao assistir a obra, tem-se a impressão, primeiramente, de ser um regime ditatorial no qual as ideias de censura, militarização e patriotismo exacerbado são evidenciadas. Mas à medida em que vamos assistindo, percebemos certa margem de liberdade, ainda que disfarçada. Afinal, os agentes políticos querem passar uma intenção de “cuidado” para o povo da Londres distópica. Destaca-se, assim, o poder político por trás da mídia. Os meios de comunicação eram totalmente operados pela elite dominante e apenas os interesses dos detentores do poder poderiam ser transmitido à população.

⁵²V de Vingança (*V for Vendetta*). Direção: James McTeigue. Produção: Joel Silver, Grant Hill, Andy e Larry Wachowski. Alemanha, Estados Unidos: Warner Bros. Pictures, 2006.

⁵³Figura: Pôster oficial do filme.

Em certa cena, um produtor busca fazer uma sátira do momento vivido, com a imagem do Chanceler, e acaba morto por desobedecer às ordens do que deveria ter sido colocado no ar naquele dia. Podemos refletir e fazer um paralelo sobre esta questão como o nosso Estado brasileiro contemporâneo. Apesar de sermos um país democrático, muitas vezes a mídia encarna um papel manipulador, passando notícias conforme seus interesses à população. Outro aspecto que chama a atenção, por ser abordado no filme, é a orientação sexual (homossexualidade) que não era aceita, assim como em um regime totalitário ou ditatorial em que a diferença não é aceita, importava-se com a padronização do ser humano. Também podemos perceber a falta de privacidade que se instalou no regime, assim, em todos os lugares as pessoas eram controladas por escutas ou por funcionários do governo. Todos pareciam ser culpados até que se provasse o contrário e, caso fosse interesse político, poderiam até ser executados sem maiores motivos. De fato, alguns problemas retratados no longa-metragem também são vividos em uma sociedade democrática como a nossa. Principalmente nas questões sociais, em que apesar de várias políticas públicas, ainda se percebe um grande preconceito por parte da população com o que é diferente, com o que não é padrão social para a maioria. Além da crítica ao regime totalitário é importante ter em conta que a força da mudança, de não aceitar a opressão estatal, motivou toda a população de Londres a aderir à campanha de “V”. O homem mascarado, ao invés de ser vilão, passa a ser o herói: é a esperança de mudança. Finalizando, deixa-se uma das frases mais marcantes faladas no filme e que deveria servir a todo cidadão diante do Estado, em qualquer regime político: “O povo não deve ter medo do seu Governo, o Governo é que deve ter medo do seu povo!”.



Zuzu Angel⁵⁴⁵⁵

(2006)

por *Beibi Lamb*

O filme é uma obra do cinema brasileiro baseada em fatos verídicos sobre a morte de Stuart Edgard Angel Jones (Daniel de Oliveira), um jovem militante do MR-8, durante o período da Ditadura Militar no Brasil. Retratando, especialmente, a incansável busca de sua mãe

pelo corpo do filho e pelo desejo de justiça. Zuleika de Souza Netto, a Zuzu Angel (Patrícia Pillar), foi uma estilista brasileira que ficou conhecida internacionalmente por suas produções. Zuzu era mineira, casou-se com o norte-americano, Norman Angel Jones, com quem teve três filhos: Stuart, Hildegard e Ana Cristina. Com o fim do casamento, Zuzu trabalhou duro para sustentar os filhos, seus vestidos ganharam fama e conquistaram as passarelas. Com uma moda leve e criativa, ela encantou diversas personalidades em todo o mundo. Porém, ao mesmo tempo em que as produções brilhavam e sua carreira atingia o auge, Zuzu Angel vivia uma imensa angústia provocada pela ausência de seu filho Stuart, que devido aos atritos com o sistema, adotou o codinome de Paulo e vivia escondido, com sua namorada Sonia (Leandra Leal). Após um período distante do filho, certa noite, no ano de 1971, Zuzu recebe um telefonema, o qual dizia que Paulo havia “caído”, que estava preso em um dos quartéis do Rio de

⁵⁴Zuzu Angel. Direção: Sergio Rezende. Produção: Joaquim Vaz de Carvalho. Brasil: Globo Filmes, 2006.

⁵⁵Figura: Pôster oficial do filme.

Janeiro. A partir daí, a estilista inicia uma busca sem fim. Amparada por seu assessor jurídico, Fraga (Alexandre Borges), percorre todos os órgãos de repressão do Rio de Janeiro, mas sempre, sem sucesso e com a resposta de que nunca haviam visto Stuart. Certo dia, ela recebe uma correspondência, escrita por um preso político que vivenciou os últimos momentos de Stuart com vida. A carta conta, com detalhes, como ocorrera a morte do jovem, que foi capturado e torturado até a morte por não contar sobre o paradeiro de Lamarca (Paulo Betti). As torturas aconteceram nas dependências da Base Aérea do Galeão. Zuzu segue em sua busca, desta vez, pelo corpo do filho. Os representantes do regime militar jamais afirmaram saber sobre o paradeiro do rapaz. Simularam, inclusive, o julgamento político de Stuart, em um tribunal militar. A estilista contou com o apoio de contatos internacionais para lhe auxiliar, pois, no Brasil, não encontrava forças suficientes, especialmente, pelo regime político instaurado no período. Zuzu passou a ser perseguida e teve seu telefone grampeado durante muito tempo. No início de 1975, é procurada por um ex-militar do Exército, o qual atestou a veracidade das informações que Zuzu havia recebido do preso político. Ela passa a juntar documentos, escrever cartas para artistas, políticos, pessoas influentes da sociedade brasileira, denunciando as atrocidades feitas com seu filho. Coincidência ou não, logo após entrevista com o secretário de Estado norte-americano, Henry Kissinger, durante sua visita ao Brasil, Zuzu Angel é assassinada. Sua morte ocorre em um “acidente”, em maio de 1976, quando saía do túnel Dois Irmãos, na Gávea, zona sul do Rio de Janeiro. O filme mostra que uma semana antes de sua morte ela havia entregue uma carta ao amigo Chico Buarque de Holanda, em que dizia: “Se alguma coisa acontecer comigo, se eu aparecer morta ou sofrer qualquer acidente, os meus assassinos serão os mesmos que mataram o meu amado filho Stuart!”. Trata-se de uma história

verídica que aconteceu durante o período em o país vivia sob o regime político ditatorial. Nesse regime, a participação popular era muito limitada e em determinadas situações nem existia. O poder concentrava-se em uma única instância. Essas características ficaram muito bem evidenciadas na produção. A sociedade não tinha voz naquela época. Grupos de pessoas se reuniam para lutar e acabar com tal sistema, com as injustiças sociais, lutavam pela Democracia, ao invés de serem ouvidos, eram perseguidos, presos, torturados e mortos. Nosso país viveu anos de horror. A Ditadura Militar perdurou por 21 anos. Um período em que o povo brasileiro teve que lutar contra seus próprios governantes. Um movimento em especial esteve a frente da resistência aos governos ditatoriais, o grupo chamado MR8, formado por muitos jovens militantes, homens e mulheres que lutavam em prol da liberdade e pelo fim da ditadura. Embora muitos tenham perdido sua vida lutando por um futuro melhor (mesmo que para outra geração) foi graças a eles, que o regime teve um fim. Mesmo assim, atualmente, passados tantos anos do término desse regime político no Brasil, ainda há dúvidas não esclarecidas sobre situações vividas na época. Documentos que possivelmente foram extraviados a fim de evitar que mais informações e novas descobertas acerca de atrocidades e barbaridades cometidas viessem a tona são exemplificativos. O filme, portanto, acaba elencando questões que mostram o quanto a discussão sobre a Ditadura é atual, não sendo apenas um fiel e forte retrato dos acontecimentos daquele período. É um manifesto pelo direito à memória.

Em jeito de conclusão ou “to be continued...”

Quando olhamos um filme, percebemos que existe uma tensão entre as práticas do “mundo real” e sua representação em imagens. As obras cinematográficas, suas linguagens e métodos dão origem, como podemos observar nos mais de vinte filmes analisados, a uma visão “particular” das práticas “universais” do Direito e da Política. Durante a leitura, se possibilitam reflexões sobre uma profusão de impressões que aproximam, para além do binômio *juspolítico*, o cidadão, participativo da experiência política e integrante do corpo social, do expectador, consumidor e destinatário da sétima arte. Com efeito, apresentando ressignificando produções de diversas épocas e origens variadas, não se ignora que, na atualidade, o Cinema é um negócio cujo principal objetivo é a lucratividade. Nesse sentir, o presente livro vai contra a corrente hegemônica, se ocupando da finalidade não comercial do Cinema, e, portanto, sem medo de revelar certos *spoilers*. Como referia Frederico Fellini, “o Cinema é um modo de contar a vida”. E a vida, multidimensional e multifacetada que é, nos faz cotidianamente enfrentar conflitos e situações-problema atinentes à Política e ao Direito. Em termos jurídicos, tem-se nítido que as histórias apreendidas e recontadas pelos autores, em filmes clássicos com O Grande Ditador de Chaplin ou em *blockbusters* atuais como Jogos Vorazes, questionam sobre o quão eficazes são as normas e estruturas legais em relação às decisões políticas que interferem essencialmente na vida dos cidadãos. Já em termos de conjunturas e cenários políticos, percebemos que, de *Pump Fiction* de Tarantino ao brasileiro Zuzu Angel, regimes e sistemas de governo são agentes de transformação nas relações interpessoais, em

nível micro e macro, nas esferas pública e privada, mas são, sobretudo, elementos-chave para identificarmos se um Estado Democrático de Direito é apenas um mandamento constitucional ou é, de fato, uma realidade prática. Por conseguinte, com o raciocínio crítico desenvolvido e com as muitas inquietações dele decorrentes, não se pretende chegar a um utópico “final feliz”, seguido de “*the end*” e créditos finais. Tendo em vista a crescente produção cinematográfica e as grandes instabilidades jurídicas e políticas que vivenciámos, guarda-se a certeza de que o “*to be continued...*”, como inscreve Hollywood em seus filmes, é uma perspectiva robusta.

O Organizador

REFERÊNCIAS

1911 (*Xinbai Revolution*). Direção: Jackie Chan, Zhang Li. Produção: Wang Zhebin, Wang Tinyun, Bi Shulin. China, Hong Kong: Media Asia Distributions, 2011.

1984. Direção: Michael Radford. Produção: Simon Perry. Reino Unido: 20th Century Fox, 1984.

A Lista de Schindler (*Schindler's List*). Direção: Steven Spielberg. Produção: Steven Spielberg, Gerald R. Molen, Branko Lustig. Estados Unidos: Universal Pictures, 1993.

A Onda (*Die Welle*). Direção: Dennis Gansel. Produção: Christian Becker, Nina Maag, Anita Schneider. Alemanha: Constantin Film, 2008.

A Revolução dos Bichos (*Animal Farm*). Direção: John Stephenson. Produção: Greg Smith, Robert Halmi. Estados Unidos: Hallmark Films, 1999.

A Vida de David Gale (*The Life of David Gale*). Direção: Alan Parker. Produção: Alan Parker, Nicolas Cage, Nigel Sinclair. Estados Unidos, Alemanha, Reino Unido: Universal Pictures, 2003.

Chove sobre Santiago (*It Pleut sur Santiago*). Direção: Helvio Soto. Produção: Jacques Charrier. França, Bulgária: Vanguard Films, 1975.

Códigos de Guerra (*Windtalkers*). Direção: John Woo. Produção: Terence Chang, Tracie Graham-Rice, Alison Rosenzweig, John Woo. Estados Unidos: MGM, 2002.

Equilibrium. Direção: Kurt Wimmer. Produção: Jan de Bont, Lucas Foster, Bob Weinstein, Harvey Weinstein. Alemanha, Estados Unidos: Miramax Films, 2002.

FERRÉS, Joan. **Vídeo e Educação**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

Jogos Vorazes (*The Hunger Games*). Direção: Gary Ross. Produção: Nina Jacobson, John Kilik. Estados Unidos: Lionsgate Films, 2012.

LACERDA, Gabriel de Araújo. **O direito no cinema: relato de uma experiência didática no campo do direito**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

Little Boy: Além do Impossível (*Little Boy*). Direção: Alejandro Monteverde. Produção: Leo Severino, Eduardo Verástegui, Alejandro Monteverde. Estados Unidos, México: Open Road Films, 2015.

Mad Max: Estrada da Fúria (*Mad Max: Fury Road*). Direção: George Miller. Produção: Doug Mitchell, George Miller, PJ Voeten. Austrália, Estados Unidos: Warner Bros. Pictures, 2015.

Memórias Secretas (*Remember*). Direção: Atom Egoyan. Produção: Robert e Ari Lantos. Canadá, Alemanha: Tiberius Film, 2015.

O Diabo Veste Prada (*The Devil Wears Prada*). Direção: David Frankel. Produção: Wendy Finerman. Estados Unidos: 20th Century Fox, 2006.

O Grande Ditador (*The Great Dictator*). Direção: Charles Chaplin. Produção: Charles Chaplin. Estados Unidos: United Artists, 1940.

O Poderoso Chefão (*The Godfather*). Direção: Francis Ford Coppola. Produção: Albert S. Ruddy. Estados Unidos: Paramount Pictures, 1972.

O Regresso (*The Revenant*). Direção: Alejandro G. Iñárritu. Produção: Arnon Milchan, Steve Golin, David Kanter, Alejandro G. Iñárritu, Mary Parent, James W. Skotchdopole, Keith Redmon. Estados Unidos: 20th Century Fox, 2015.

O Segredo dos Seus Olhos (*El Secreto de Sus Ojos*). Direção: Juan José Campanella. Produção: Mariela Besuievski, Juan José Campanella, Carolina Urbieto. Argentina, Espanha: Distribution Company, 2009.

Oblivion. Direção: Joseph Kosinski. Produção: Joseph Kosinski, Peter Chernin, Dylan Clark, Barry Levine, Duncan Henderson. Estados Unidos: Universal Pictures, 2013.

Olga. Direção: Jayme Monjardim. Produção: Carlos Eduardo Rodrigues, Bruno Wainer, Marc Beauchamps. Brasil: Europa Filmes, 2004.

Pump Fiction: Tempo de Violência (*Pump Fiction*). Direção: Quentin Tarantino. Produção: Lawrence Bender. Estados Unidos: Miramax Films, 1994.

Robin Hood. Direção: Ridley Scott. Produção: Riddley Scott, Brian Grazer, Russell Crowe. Estados Unidos, Reino Unido: Universal Pictures, 2010.

Sociedade dos Poetas Mortos (*Dead Poets Society*). Direção: Peter Weir. Produção: Steven Haft, Paul Junger Witt, Tony Thomas. Estados Unidos: Buena Vista Pictures Distribution, 1989.

Teorema. Direção: Pier Paolo Pasolini. Produção: Manolo Bolognini, Franco Rossellini. Itália: Euro International Film, 1968.

V de Vingança (*V for Vendetta*). Direção: James McTeigue. Produção: Joel Silver, Grant Hill, Andy e Larry Wachowski. Alemanha, Estados Unidos: Warner Bros. Pictures, 2006.

Zuzu Angel. Direção: Sergio Rezende. Produção: Joaquim Vaz de Carvalho. Brasil: Globo Filmes, 2006.

SOBRE OS AUTORES

Beibi Daiana Lamb é Professora da Rede Municipal de Igrejinha/RS, acadêmica do Curso de Direito da FACCAT, Licenciada e Bacharela em Geografia, Especialista em Novas Metodologias e Tecnologias para o Ensino das Ciências da Natureza, e Mestre em Ensino de Ciências, com ênfase na Educação Ambiental, pela ULBRA.

Carina Birnfeld é acadêmica do Curso de Direito da FACCAT.

Daciane Edinger é acadêmica do Curso de Direito da FACCAT.

Danielle Nikolay é Administradora graduada e estudante de Direito pela FACCAT, e servidora pública em São Francisco de Paula/RS.

Dalnei Carvalho da Luz é acadêmico do Curso de Direito da FACCAT.

Douglas Geronimo da Rosa é acadêmico do Curso de Direito da FACCAT.

Gabriel Cappra de Souza é acadêmico do Curso de Direito da FACCAT.

Henrique Fernando Schmidt é acadêmico do Curso de Direito, Psicólogo, e Especializando em Avaliação Psicológica, pela FACCAT, e Especialista em Saúde Pública pela UNOPAR.

Hudson Charles Gonçalves é Contador, Bacharel em Ciências Contábeis e graduando em Direito pela FACCAT.

Isadora Apollo da Costa é Cantora, Atriz e acadêmica do Curso de Direito da FACCAT.

Ivanina Garcia é acadêmica do Curso de Direito da FACCAT.

Jaciara Brizolla Moraes Bueno é Especialista em Gestão Educacional: Supervisão e Orientação, graduada em História, e estudante de Direito pela FACCAT.

Jeison Oscar da Silva é Supervisor Administrativo e graduando em Direito pela FACCAT.

Josiani da Silva Pospichil é Monitora Educacional da Prefeitura Municipal de Rolante/RS, acadêmica do Curso de Direito e Licenciada em Letras – Português e respectivas Literaturas – pela FACCAT.

Josias Ezequiel Julierme Mazzurana é Licenciado em História, Especialista em Gestão Educacional: Supervisão e Orientação, e estudante de Direito pela FACCAT.

Karini Pinheiro Ciocari é acadêmica do Curso de Direito da FACCAT e Bacharela em Administração pela FEEVALE.

Larissa Bergold é acadêmica do Curso de Direito da FACCAT.

Márcia Eloira Pessoa Reolon é acadêmica do Curso de Direito da FACCAT.

Pedro Paulo Santos Schäfer é acadêmico do Curso de Direito e Bacharel em Ciências Contábeis, pela FACCAT, foi Secretário da Fazenda, do Planejamento e de Administração no Município de Taquara/RS.

Rafael Ariel Neves é Eletrotécnico formado pela Escola Técnica Estadual Monteiro Lobato – CIMOL, e graduando em Direito pela FACCAT.

Rodrigo Batista é Militar da Reserva, e acadêmico do Curso de Direito da FACCAT.

Suelen Caroline dos Santos Bertó é acadêmica do Curso de Direito da FACCAT.

Vanessa Louise dos Santos é acadêmica do Curso de Direito da FACCAT.

Vanessa Mello de Moraes é acadêmica do Curso de Direito da FACCAT.

Veyzon Campos Muniz é Professor no Curso de Direito da FACCAT, Doutorando em Direito Público pelo Instituto Jurídico da Universidade de Coimbra (Portugal), Mestre em Direito e Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, pela PUCRS, e Especialista em Direito Tributário pela UNIP e em Direito Público pela UCS/ESMAFE-RS.